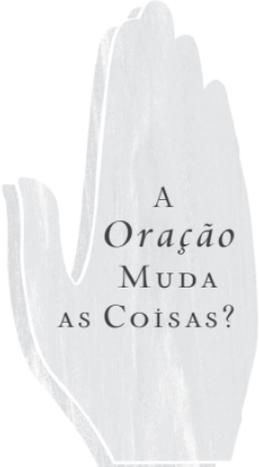


A
Oração
MUDA
AS COISAS?

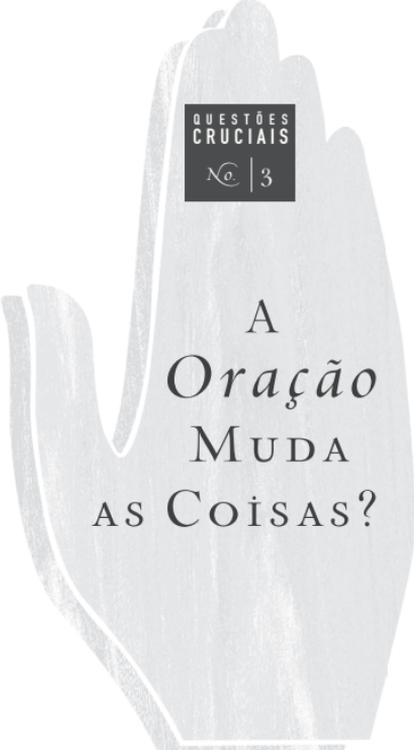
R. C. SPROUL

QUESTÕES
CRUCIAIS

Nº. | 3



A
Oração
MUDA
AS COISAS?



QUESTÕES
CRUCIAIS

N.º | 3

A
Oração
MUDA
AS COISAS?

R. C. SPROUL



EDITORA FIEL

A Oração Muda as Coisas?
Traduzido do original em inglês
Does Prayer Change Things?, por R. C. Sproul
Copyright © 1983, 1999, 2009 by R. C. Sproul



Publicado por Reformation Trust Publishing
a division of Ligonier Ministries
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2011 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2012



*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária*
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: James Richard Denham III.
Presidente emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Elaine R. O. Santos
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Gearbox Studios
ISBN: 978-85-8132-024-3


EDITORA FIEL

Caixa Postal 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

UM – O LUGAR DA ORAÇÃO	7
DOIS – O PROPÓSITO DA ORAÇÃO.....	13
TRÊS – O PADRÃO DA ORAÇÃO	27
QUATRO – A PRÁTICA DA ORAÇÃO.....	55
CINCO – AS PROIBIÇÕES DA ORAÇÃO	83
SEIS – O PODER DA ORAÇÃO	93



Capítulo Um

O LUGAR DA ORAÇÃO

Qual é o alvo da vida cristã? É a piedade resultante de obediência a Cristo. A obediência abre as riquezas da experiência cristã. A oração motiva e nutre a obediência, colocando o coração na “mentalidade” apropriada para desejar a obediência.

É claro que o conhecimento é importante porque sem ele não podemos saber o que Deus requer. Todavia, conhecimento e verdade permanecem abstratos se não temos comunhão com Deus em oração. O Espírito Santo ensina, inspira e ilumina a Palavra de Deus para nós. Ele

ministra a Palavra de Deus e nos assiste em responder ao Pai em oração.

Em palavras simples, a oração tem um lugar vital na vida do cristão. Alguém pode orar e não ser um cristão, mas alguém não pode ser um cristão e não orar. Romanos 8.15 nos diz que a adoção espiritual que nos torna filhos de Deus nos leva a clamar em expressões verbais: “Aba! Pai!” A oração é para o cristão o que a respiração é para a vida, mas nenhum outro dever cristão é tão negligenciado.

A oração, pelo menos a oração particular, é difícil de ser feita a partir de um motivo falso. Alguém pode pregar com um motivo falso, como o fazem os falsos profetas. Alguém pode se envolver em atividades cristãs com base em motivos falsos. Muitas das realizações externas do cristianismo podem ser feitas com base em motivos falsos. Contudo, é altamente improvável que alguém tenha comunhão com Deus a partir de motivos impróprios.

Somos convidados, até ordenados, a orar. A oração é tanto um privilégio como um dever. E qualquer dever pode se tornar laborioso. A oração, como todos os meios de crescimento para o cristão, exige trabalho. Em um sentido, a oração não é natural para nós. Embora tenhamos sido criados para a comunhão e interação com Deus, os efeitos da Queda têm-nos deixado preguiçosos e indiferen-

tes para com algo tão importante como a oração. O novo nascimento desperta um novo desejo de comunhão com Deus, mas o pecado resiste ao Espírito.

Podemos obter conforto no fato de que Deus conhece nossos corações e ouve nossas petições não proferidas, assim como ouve as palavras que emanam de nossos lábios. Sempre que somos incapazes de expressar os sentimentos e emoções profundas de nossa alma ou quando estamos totalmente incertos sobre o que deveríamos orar, o Espírito Santo intercede por nós. Romanos 8.26-27 diz: “O Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos”. Quando não sabemos como orar em determinada situação, o Espírito Santo nos assiste. Há razão para crermos, com base neste texto, que, se oramos incorretamente, o Espírito Santo corrige os erros em nossas orações, antes que as apresente ao Pai, pois o versículo 27 nos diz que “segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos”.

A oração é o segredo da santidade – se santidade, de fato, tem algum segredo. Quando examinamos a vida dos

grandes santos da igreja, vemos que eles eram grandes pessoas de oração. John Wesley comentou certa vez que não tinha muita apreciação por ministros que não gastassem pelo menos quatro horas por dia em oração. Lutero disse que orava regularmente uma hora por dia, exceto quando experimentava um dia muito atarefado - nesses dias, ele orava por duas horas. Depois, ele orava por duas horas.

A negligência da oração é uma das principais causas de estagnação na vida cristã. Considere o exemplo de Pedro, em Lucas 22.39-62. Jesus foi ao Monte das Oliveiras para orar, como era seu costume, e disse aos seus discípulos: “Orai, para que não entreis em tentação”. Em vez disso, os discípulos adormeceram. A próxima atitude de Pedro foi tentar enfrentar o exército romano com uma espada; depois, ele negou a Cristo. Pedro não orou, e como resultado caiu em tentação. O que aconteceu com Pedro também acontece com todos nós: caímos em particular, antes de cairmos em público.

Há um tempo certo e um tempo errado para a oração? Isaías 50.4 fala sobre a manhã como o tempo em que Deus outorga o desejo de orarmos diariamente. Mas outras passagens mostram tempos de oração em todas as horas do dia. Nenhuma parte do dia é separada como mais santificada do que outra. Jesus orou de manhã, du-

rante o dia e, às vezes, durante toda a noite. Há evidência de que ele tinha um tempo separado para a oração; mas, considerando o relacionamento que Jesus teve com o Pai, sabemos que a comunhão entre eles nunca parou.

Em 1 Tessalonicenses 5.17, Deus nos manda orar sem cessar. Isto significa que devemos viver em um contínuo estado de comunhão com nosso Pai.

A oração é, portanto, central e crucial na vida do cristão. Examinemos melhor esta disciplina cristã vital, porém negligenciada e mal entendida.



Capítulo Dois

O PROPÓSITO DA ORAÇÃO

Nada escapa da observação de Deus. Nada ultrapassa os limites de seu poder. Deus tem autoridade sobre todas as coisas. Se eu pensasse, ainda que por um momento, que uma simples molécula corre livremente pelo universo fora do controle e o domínio do Deus todo-poderoso, eu não dormiria hoje à noite. Minha confiança no futuro descansa em minha confiança no Deus que controla a história. Mas como Deus exerce esse controle e manifesta essa autoridade? Como Deus faz acontecer as coisas que ele decreta soberanamente?

Agostinho disse que nada acontece neste universo à parte da vontade de Deus e que, em certo sentido, Deus ordena tudo o que acontece. Agostinho não estava tentando isentar os homens da responsabilidade por suas ações, mas seu ensino desperta a pergunta: se Deus é soberano sobre as ações e as intenções dos homens, por que devemos orar? Um interesse secundário gira em torno dessa pergunta: a oração muda realmente as coisas?

Deixe-me responder a primeira pergunta por afirmar que o Deus soberano ordena, por meio de sua santa Palavra, que oremos. A oração não é opcional para o cristão; é exigida.

Podemos perguntar: e se não acontecer nada? Essa não é a questão. Não importando se a oração faz algum bem ou não, visto que Deus nos ordena orar, temos de orar. O fato de que o Senhor Deus do universo, o Criador e Sustentador de todas as coisas, ordena a oração é razão suficiente. No entanto, ele não somente nos manda orar, mas também nos convida a tornar conhecidos os nossos pedidos. Tiago diz que não temos porque não pedimos (Tg 4.2). Ele também nos diz que a oração de um justo realiza muito (Tg 5.16). Repetidas vezes, a Bíblia diz que a oração é uma ferramenta eficiente. É útil e produz resultados.

João Calvino, nas Institutas da Religião Cristã, faz observações profundas concernentes à oração:

Mas, alguém dirá: Deus não sabe, sem ser lembrado, tanto em que somos atribulados, como o que é conveniente para nós, de modo que, em certo sentido, parece supérfluo que ele seja impelido por nossas orações – como se ele estivesse pestanejando com sonolência ou mesmo dormindo até ser despertado por nossa voz? Todavia, aqueles que raciocinam desta maneira não observam a que propósito o Senhor instrui seu povo a orar, pois ele ordenou isso não tanto por causa de si mesmo, e sim por nossa causa. Agora, ele quer – como é certo – que lhe seja dado o que lhe é devido, em reconhecimento de que tudo que os homens desejam e conduz ao proveito deles mesmos vem de Deus, e em testemunho disto nas orações. Mas o proveito deste sacrifício, pelo qual Deus é adorado, também retorna a nós. De acordo com isso, os santos pais, quanto mais confiantemente exaltavam os benefícios de Deus entre eles mesmos e os outros, tanto mais eram fortemente despertados à oração...

Além disso, é muito importante que clamemos a Deus: primeiramente, que nosso coração seja aquecido com

um desejo zeloso e intenso de vê-lo, amá-lo e servi-lo, enquanto nos acostumamos, em cada necessidade, a recorrer a ele como nosso amparo sagrado. Em segundo, que não entre em nosso coração nenhum desejo e nenhuma vontade dos quais nos envergonhemos de torná-lo testemunha, enquanto aprendemos a colocar todos os nossos desejos diante de seus olhos e derramar todo o nosso coração. Em terceiro, que sejamos preparados para receber seus benefícios com verdadeira gratidão de coração e ações de graça, benefícios que nossa oração nos lembra, procedem de suas mãos. (Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, Livro 3, capítulo 20, seção 3.)

A oração, como tudo mais na vida cristã, é para a glória de Deus e para nosso benefício, nessa ordem. Tudo que Deus faz, tudo que Deus permite e ordena é, em sentido supremo, para a sua glória. Também é verdade que, enquanto Deus busca supremamente a sua própria glória, o homem se beneficia quando Deus é glorificado. Oramos para glorificar a Deus, mas também oramos para receber de suas mãos os benefícios da oração. A oração é para o nosso benefício, mesmo à luz do fato de que Deus sabe o fim desde o começo. É nosso privilégio trazer a inteireza de nossa existência à glória da presença infinita de Deus.

UMA CONVERSA COM DEUS

Um dos grandes temas da Reforma foi a ideia de que toda a vida deve ser vivida sob a autoridade de Deus, para a glória de Deus, na presença de Deus. A oração não é um solilóquio, um mero exercício de autoanálise terapêutica ou uma recitação religiosa. A oração é uma conversa com o próprio Deus pessoal. No ato e na dinâmica de orar, eu coloco toda a minha vida sob o olhar de Deus. Sim, ele sabe o que está em minha mente, mas eu tenho o privilégio de articular para ele o que está lá. Ele diz: “Venha. Fale comigo. Manifeste para mim os seus pedidos”. Portanto, vamos à oração para conhecer a Deus e sermos conhecidos por ele.

Há algo errado na pergunta “se Deus sabe tudo, por que devemos orar?” A pergunta supõe que a oração é unidimensional e é definida apenas como súplica ou intercessão. Pelo contrário, a oração é multidimensional. A soberania de Deus não anula a oração de adoração. A presciência ou conselho determinativo de Deus não nega a oração de louvor. A única coisa que ela deveria nos dar é maior razão para expressarmos nossa adoração por quem Deus é. Se ele sabe o que eu vou dizer antes que eu o diga, seu conhecimento, em vez de limitar minha oração, aprimora a beleza de meu louvor.

Minha esposa e eu somos tão próximos quanto duas pessoas podem ser. Frequentemente, eu sei o que ela vai dizer antes que o diga. O contrário também é verdade. Se isso é verdadeiro em relação ao homem, quanto mais verdadeiro é em relação a Deus? Temos o incomparável privilégio de compartilhar nossos pensamentos mais íntimos com Deus. É claro que poderíamos simplesmente entrar em nosso cômodo de oração, permitir que Deus lesse nossa mente e chamar isso de oração. Mas isso não é comunhão e, certamente, não é comunicação.

Somos criaturas que se comunicam primariamente por meio da fala. Oração falada é obviamente uma forma de diálogo, uma maneira de nos comunicarmos e termos comunhão com Deus. Há um sentido em que a soberania de Deus deve influenciar nossa atitude para com a oração, pelo menos no que diz respeito a adoração. Nosso entendimento da soberania de Deus deveria provocar em nós uma intensa vida de oração de ação de graças. Por causa desse conhecimento, devemos ver cada benefício, cada bem e cada dom perfeito como uma expressão da abundância da graça de Deus. Quanto mais entendemos a soberania de Deus, tanto mais nossas orações serão cheias de ações de graça.

De que maneira a soberania de Deus afeta *negativamente* a oração de contrição, de confissão? Talvez poderíamos chegar à conclusão de que nosso pecado é, em última análise, responsabilidade de Deus e de que nossa confissão é uma acusação de culpa contra ele. Todo verdadeiro cristão sabe que não pode culpar Deus por seu pecado. Posso não entender a relação entre a soberania divina e a responsabilidade humana, mas compreendo realmente que o que procede da iniquidade de meu coração não pode ser atribuído à vontade de Deus. Então, temos de orar porque somos culpados, rogando o perdão dAquele que é santo, a quem ofendemos.

A ORAÇÃO MUDA ALGUMA COISA?

E o que podemos dizer sobre a intercessão e a súplica? É bom falar sobre os benefícios religiosos, espirituais e psicológicos (e quaisquer outros que possamos obter da oração). Mas, o que dizemos sobre a pergunta real – a oração faz alguma diferença? Certa vez, alguém me fez esta pergunta, apenas em termos levemente diferentes: “A oração muda a mente de Deus?” Minha resposta gerou protestos intensos. Eu disse apenas: “Não”. Ora, se a pessoa tivesse perguntado: “A oração muda as *coisas*?” Eu teria respondido: “É claro que sim!”

A Bíblia diz que há certas coisas que Deus determinou desde toda a eternidade. Essas coisas acontecerão inevitavelmente. Se você orasse individualmente, ou se você e eu uníssemos forças em oração, ou se todos os cristãos do mundo orassem coletivamente, isso não mudaria o que Deus, em seu conselho secreto, determinou fazer. Se decidimos orar em favor de que Jesus não volte, ele voltará apesar disso. Talvez você pergunte: “A Bíblia não diz que, se duas ou três pessoas concordarem a respeito de alguma coisa, elas o receberão?” Sim, a Bíblia diz, mas essa passagem fala sobre disciplina eclesiástica, e não sobre pedidos de oração. Portanto, devemos levar em conta todo o ensino bíblico sobre a oração e não isolar uma passagem das demais. Temos de abordar a questão à luz de toda a Escritura, resistindo a uma leitura separativa.

De novo, você talvez pergunte: “A Bíblia não diz, várias vezes, que Deus se arrepende?” Sim, o Antigo Testamento certamente diz isso. O livro de Jonas nos diz que Deus “se arrependeu” do julgamento que planejara para o povo de Nínive (Jn 3,10). Por usar o conceito de arrependimento nesta passagem, a Bíblia está descrevendo a Deus, que é Espírito, naquilo que os teólogos chamam de “antropopatia”. Obviamente, a Bíblia não quer dizer que Deus se arrependeu da maneira como nos arrependeria-

mos; do contrário, poderíamos supor corretamente que Deus havia pecado e, portanto, precisava de um salvador para si mesmo. O que o texto significa é que Deus removeu a ameaça de julgamento do povo. A palavra hebraica *nacbam*, traduzida como “arrepender”, significa “confortado” ou “tranquilizado”, neste caso. Deus foi confortado e sentiu-se tranquilo com o fato de que o povo havia se convertido de seu pecado; por isso, ele revogou a sentença de julgamento que impusera.

Quando Deus ergue a sua espada de juízo sobre as pessoas, e estas se arrependem, e, por isso, Deus não executa o juízo, ele mudou realmente a sua mente?

A mente de Deus não muda, pois ele não muda. As coisas mudam, e elas mudam de acordo com a soberana vontade de Deus, que ele executa utilizando meios e atividades secundários. A oração de seu povo é um dos meios que Deus usa para fazer as coisas acontecerem neste mundo. Então, se você me pergunta se a oração muda as coisas, eu respondo com um resolutivo “sim”.

É impossível saber quanto da história humana reflete a intervenção imediata de Deus e quanto revela o agir de Deus por meio de agentes humanos. O exemplo favorito de Calvino para isto era o livro de Jó. Os sabeus e os caldeus tinham roubado os jumentos e os camelos de Jó.

Por quê? Porque Satanás havia incitado o coração deles a fazer isso. Mas, por quê? Por que Satanás recebera permissão de Deus para testar a fidelidade de Jó em tudo que ele tanto desejava, exceto tirar a vida de Jó. Por que Deus concordaria com tal coisa? Por três razões: (1) silenciar a calúnia de Satanás; (2) vindicar a si mesmo; (3) vindicar Jó da calúnia de Satanás. Todas estas razões são justificações perfeitamente corretas para as ações de Deus.

Por contraste, o propósito de Satanás em incitar esses dois grupos era levar Jó a blasfemar de Deus – um motivo totalmente ímpio. Mas, observamos que Satanás não usou algo sobrenatural para realizar seus propósitos. Ele escolheu agentes humanos – os sabeus e os caldeus, que eram maus por natureza – para roubar os animais de Jó. Os sabeus e os caldeus eram conhecidos por sua maneira de viver caracterizada por roubos e mortes. A vontade deles esteve envolvida, mas não houve coerção. O propósito de Deus foi cumprido por meio das ações ímpias deles.

Os sabeus e os caldeus eram livres para escolher, mas, para eles, assim como para nós, a liberdade sempre significa liberdade dentro de limites. Não devemos confundir liberdade humana e autonomia humana. Sempre haverá um conflito entre soberania divina e autonomia humana. Nunca há um conflito entre a soberania divina e a

liberdade humana. A Bíblia diz que o homem é livre, mas ele não é uma lei autônoma para si mesmo.

Suponha que os caldeus e os sabeus tivessemorado: “Não nos deixe cair em tentação e livra-nos do mal”. Estou absolutamente certo de que, apesar disso, os animais de Jó teriam sido roubados, mas não necessariamente pelos sabeus e os caldeus. Deus poderia ter decidido responder a oração deles, mas teria usado outro agente para roubar os animais de Jó. Há liberdade dentro de limites, e, dentro desses limites, nossas orações podem mudar as coisas. As Escrituras nos dizem que Elias, por meio da oração, impediu a chuva de cair. O seu entendimento da soberania de Deus não o dissuadiu de orar.

AS ORAÇÕES DOS FILHOS DE DEUS

Nenhum ser humano teve um entendimento mais profundo da soberania de Deus do que Jesus. Nenhum homem orou mais fervorosamente ou mais eficazmente. Até no Getsêmani, ele pediu uma opção, uma maneira diferente. Quando o pedido foi negado, ele se prostrou à vontade do Pai. A soberania de Deus é a própria razão por que oramos, visto que cremos que Deus tem, em seu poder, o ordenar as coisas de acordo com seu propósito. Isto

é a essência da soberania de Deus – ordenar as coisas de acordo com seus propósitos. Então, a oração muda a mente de Deus? Não. A oração muda as coisas? Sim, é claro.

A promessa das Escrituras é esta: “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16). O problema é que não somos esse tipo de justo. O que a oração muda mais frequentemente é a impiedade e a dureza de nosso coração. Só isso já seria razão suficiente para orarmos, ainda que nenhuma das outras razões fosse válida ou verdadeira.

Em um sermão intitulado “O Deus Altíssimo, Que Ouve Orações”, Jonathan Edwards apresentou duas razões por que Deus requer a oração:

No que diz respeito *a Deus*, a oração é apenas um reconhecimento sensível de nossa dependência dele para a sua glória. Como ele fez todas as coisas para a sua glória, também precisa ser glorificado e reconhecido por suas criaturas; é justo que ele requeira isto daqueles que são objetos de sua misericórdia... é um reconhecimento apropriado de nossa dependência do poder e da misericórdia de Deus para aquilo de que necessitamos, mas também uma honra apropriada prestada ao grande Autor e Fonte de todo bem.

No que diz respeito *a nós mesmos*, Deus requer de nós a oração... Orações fervorosas tendem, de muitas maneiras, a preparar o coração. Por meio da oração, desperta-se o senso de nossa necessidade... por meio da oração, a mente é mais preparada para valorizar a misericórdia de Deus... Nossa oração a Deus pode despertar em nós um senso e consideração apropriados de nossa dependência de Deus quanto à misericórdia que pedimos, bem como um exercício apropriado de fé na suficiência de Deus, para que sejamos preparados para glorificar o seu nome quando a misericórdia for recebida. (*The Works of Jonathan Edwards* – Carlisle, Pa: Banner of Truth Trust, 1974, 2:146.)

Tudo que Deus faz é, primeiramente, para a sua glória e, em segundo lugar, para nosso benefício. Oramos porque Deus nos ordena orar, porque a oração o glorifica e porque ela nos beneficia.



Capítulo Três

O PADRÃO DA ORAÇÃO

Jesus realizou muitos milagres. No decorrer de seu ministério, ele andou sobre a água, transformou água em vinho, curou enfermos, ressuscitou mortos. Como João disse: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21.25).

Sempre me admiro de que os discípulos não tenham perguntado a Jesus como andar sobre a água, como aquietar uma tempestade ou como realizar qualquer de seus

outros milagres. Entretanto, eles pediram a Jesus que os ensinasse sobre a oração. Observe que eles não pediram a Jesus que os ensinasse *como* orar. Em vez disso, eles rogaram: “Ensina-nos *a* orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lc 11.1). Estou certo de que os discípulos viram com clareza a inseparável relação entre o poder que Jesus manifestava e as horas que ele gastava em solidão, conversando com seu Pai.

A instrução que Jesus deu sobre a oração vem até nós tanto do Sermão do Monte, em Mateus 6, como de Lucas 11. Jesus prefacia seus comentários sobre o padrão para a oração com estas palavras:

E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais. Portanto, vós orareis assim (Mt 6.5-9).

Observe que Jesus disse: “Vós orareis assim”, e não: “Vós orareis esta oração” ou: “Fareis esta oração”. Há algumas perguntas sobre se Jesus não queria dizer que devemos repetir sempre esta oração. Não estou atacando o uso da Oração do Pai Nosso. Não há certamente nada errado em seu uso na vida pessoal do crente ou na vida devocional da igreja. Contudo, Jesus não estava nos dando uma oração a ser recitada, e sim um padrão para nos mostrar a maneira como devemos orar. Jesus estava nos dando um esboço de prioridades ou de coisas que *devem* ser prioridades em nossa vida de oração. Consideremos, uma por vez, as seções da Oração do Pai Nosso.

PAI NOSSO

As duas primeiras palavras da oração são radicais, conforme usadas no Novo Testamento. A palavra *Pai* não era a forma básica de dirigir-se a Deus achada na comunidade da antiga aliança. O nome de Deus era inefável. Uma pessoa não se dirigia a ele com qualquer grau de intimidade. O termo *Pai* quase nunca era usado para falar com Deus ou para dirigir-se a ele em oração no Antigo Testamento. Mas, no Novo Testamento, Jesus nos trouxe a um relacionamento íntimo com o Pai, destruindo a

separação simbolizada pelo véu no templo. Jesus nos deu o incomparável privilégio de chamar Deus de “Pai”.

Jesus foi o primeiro a mostrar que a oração é uma conversa pessoal com Deus. Jesus, que falava aramaico, usou a palavra aramaica *Abba*, melhor traduzida “Pai” ou “Papai”. Podemos quase ouvir o clamor de alarme dos discípulos e ver o semblante de admiração em sua face: “Você não está dizendo realmente isso, Jesus. Você não pode estar falando sério! Não temos nem mesmo permissão de falar o nome de Deus em voz alta. Não o chamamos de *Pai*, quanto menos de *Papai!*”

Ironicamente, hoje vivemos em um mundo que supõe que Deus é o Pai de todos, que todos os homens são irmãos. Vemos isso em expressões como “a paternidade de Deus” e “a irmandade dos homens”. Mas, em nenhuma passagem, as Escrituras dizem que todos os homens são nossos irmãos. Elas dizem realmente que todos os homens são nossos *próximos*.

Há um sentido restrito em que Deus é o Pai de todos os homens como o Doador e Sustentador da vida, o *progenitor por excelência* da raça humana. Mas na Bíblia nada indica que um indivíduo pode se aproximar de Deus em um sentido familiar. A única exceção é quando essa pessoa é adotada na família de Deus, por expressar fé salvadora

na expiação realizada por Cristo e se submeter ao seu senhorio. Somente quando isso acontece, a pessoa obtém o privilégio de chamar a Deus de Pai. Àqueles que “o receberam”, Deus lhes deu “o poder [autoridade, privilégio] de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (Jo 1.12). Somente quando isso acontece, é que Deus chama os homens de “filhos”. A palavra grega *exousia*, traduzida “poder”, denota a liberdade de agir e a autoridade para essa ação. Chamar a Deus de “Pai”, sem a credencial própria de filho, é um ato de presunção e arrogância extrema.

Não achamos a ideia de uma paternidade e irmandade universal na introdução da Oração do Pai Nosso. Esta suposição cultural tácita nos leva a não compreender o que Jesus está dizendo. Em primeiro lugar, a paternidade de Deus não pode ser admitida como certa por toda pessoa no mundo. Jesus é a única pessoa que tem o direito de dirigir-se a Deus desta maneira, pois somente ele é o *monogenes*, o “unigênito do Pai” (Jo 1.14), havendo existido desde toda a eternidade em um relacionamento filial singular com o Pai.

Se há paternidade e irmandade universal em algum sentido, ela teria de ser vista na conversa de Jesus com os fariseus em João 8. Os fariseus estavam reivindicando

serem filhos de Abraão, descendência de Deus por associação ancestral. Jesus os desafiou quanto a isto, dizendo: “Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão... Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” (Jo 8.39-40, 44).

Há uma distinção clara entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo. Os filhos de Deus ouvem a sua voz e lhe obedecem. Os filhos do Diabo não ouvem a voz de Deus; eles lhe desobedecem por fazerem a vontade de seu pai, Satanás. Há apenas duas famílias, e todas as pessoas pertencem a uma ou a outra dessas famílias. Todavia, ambos os grupos têm uma coisa em comum. Os membros de cada família fazem a vontade de seu respectivo pai, ou Deus, ou Satanás.

Se examinarmos o Novo Testamento, fazendo perguntas a respeito de quem são os filhos de Deus, a resposta é clara. O Novo Testamento não é impreciso nem enigmático quanto a este assunto. Romanos 8.14-17 diz isto:

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas

recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo.

No versículo 14 desta passagem, a palavra “todos” (*autoi*, no grego) é o que se chama de forma *enfática* para indicar uma exclusividade. O versículo seria melhor traduzido assim: “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, *somente* estes são filhos de Deus” ou “*unicamente* estes são filhos de Deus”. Paulo nos ensina que é *somente* pelo Espírito Santo que podemos chamar a Deus de nosso Pai. O significado disto no Novo Testamento é que somos filhos, não filhos ilegítimos, porque estamos em união com Cristo. Nossa filiação não é automática; não é herdada e não é uma necessidade genética; antes, ela é derivada. A palavra do Novo Testamento para esta transação é *adoção*. Por causa de nosso relacionamento de adoção com Deus, por meio de Cristo, nos tornamos coerdeiros com Cristo.

É somente porque estamos em Cristo e ele está em nós que temos o privilégio de dirigir-nos a Deus como nosso Pai e aproximar-nos dele em um relacionamento fi-

lial. Martinho Lutero disse certa vez que, se pudesse apenas entender as primeiras duas palavras da Oração do Pai Nosso, ele nunca mais seria o mesmo.

A palavra *nosso* significa que o direito de chamar a Deus de “Pai” não é apenas meu. É um privilégio coletivo que pertence a todo o corpo de Cristo. Quando eu oro, não chego diante de Deus como um indivíduo isolado, mas como um membro de uma família, uma comunidade de santos.

NO CÉUS

Na época em que Jesus falou estas palavras da Oração do Pai Nosso, havia um debate sobre o local exato da presença de Deus. Na conversa entre Jesus e a mulher no poço, Jesus enfatizou que Deus é Espírito e, como tal, não pode ser localizado em um lugar específico (Jo 4). Ele não estava nem no Monte Gerizim, como ela pensava, nem em Jerusalém, como acreditavam alguns dos judeus.

Deus é onipresente. Não há restrições finitas à sua presença divina, mas Cristo falou de seu Pai como quem estava no céu. Por quê? Cristo estava falando sobre a transcendência de Deus. Visto que Deus não é parte deste processo mundano, ele não é parte da natureza. Ele não

pode ser confinado a uma localidade. O Deus a quem nos dirigimos está acima e além dos limites finitos do mundo.

A frase inicial da Oração do Pai Nosso nos apresenta uma tensão dinâmica. Embora nos aproximemos do Senhor numa atitude de intimidade, há ainda um elemento de separação. Podemos nos achegar a Deus e chamá-lo Pai, mas este relacionamento filial não nos permite ter o tipo de familiaridade que produz desrespeito. Devemos achegar-nos a ele com ousadia, sim, mas nunca com arrogância ou presunção. “Pai nosso” fala de proximidade com Deus, mas “no céus” destaca sua singularidade, sua separação. O ensino é este: quando oramos, temos de lembrar quem somos e a quem nos dirigimos.

SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Não importando quão intimamente Deus nos convida a nos aproximarmos dele, ainda há uma separação infinita entre a nossa pecaminosidade e a majestade dele. Deus é aquele que está nos céus; nós somos da terra. Ele é perfeito; nós somos imperfeitos. Ele é infinito; nós somos finitos. Ele é santo; nós somos impuros. Nunca devemos esquecer que Deus é totalmente “outro”, diferente de nós.

A “distinção” sagrada de Deus é um fato que os filhos de Arão esqueceram, mas a esqueceram somente uma vez. Em Levítico 10.1-3, lemos:

Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara. Então, saiu fogo de diante do SENHOR e os consumiu; e morreram perante o SENHOR. E falou Moisés a Arão: Isto é o que o SENHOR disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de todo o povo.

Deus exige ser tratado como santo, porque ele é santo. Ele é zeloso de sua honra. Ele não implora por respeito nesta passagem. Antes, a passagem é uma afirmação de um fato: “Eu serei tratado como santo”. Nunca devemos esquecer o erro fatal de Nadabe e Abiú e aproximar-nos do Deus soberano numa atitude petulantemente incerta.

Examinando a primeira súplica da Oração do Pai Nosso, podemos ver que esta é a primeira prioridade sobre a qual Jesus falou. Seu pedido inicial foi que o nome de Deus fosse santificado. É a palavra grega *hagios*, que é traduzida literalmente por “santo”. A principal prioridade

para o cristão é ver que o nome de Deus é mantido santo, porque ele é santo. Se este fosse o único pedido de oração que a comunidade cristã sempre fizesse, e se os crentes o fizessem com regularidade e sinceridade, suspeito que o avivamento pelo qual oramos e a reforma que tanto anelamos aconteceriam imediatamente. Tudo – nosso trabalho, nosso ministério e todos os aspectos de nossa vida diária – seria afetado.

No Antigo Testamento, o propósito declarado para a eleição dos israelitas, sua religião, leis alimentares e cerimônias era estabelecê-los como uma nação santa, separada das culturas da antiguidade. Isso tinha em vista a honra deles mesmos? Não, tinha em vista a honra *de Deus*. A honra de Deus tem de tornar-se a obsessão da comunidade cristã hoje. A honra não deve ir para as nossas organizações, as nossas denominações, o nosso modo de culto ou nossas igrejas particulares, mas somente para Deus.

Considere as palavras escritas em Ezequiel 36.22: “Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes”. Que mudança! A nação escolhida para ter o incomparável privilégio de mostrar a grandeza de Deus escolheu profanar publicamente o nome de Deus. Deus teve de puni-los por

sua traição. Em última análise, nosso nome, nossas organizações e nossos esforços são todos sem significado se não honram o nome de Deus.

Hoje, uma assustadora falta de temor a Deus prevalece em nosso mundo. Certa vez, Martinho Lutero comentou que as pessoas que viviam ao seu redor falavam com Deus “como se ele fosse um aprendiz de sapateiro”. Se isso era verdade nos dias de Lutero, quanto mais é verdade hoje? Contudo, a principal prioridade que Jesus estabeleceu é que o nome de Deus seja santificado, honrado e exaltado.

O nome de Deus é uma expressão do que ele é. Somos portadores da imagem de Deus. Onde Deus não é respeitado, é inevitável que os portadores de sua imagem também sofram perda de respeito.

VENHA O TEU REINO

Um tema central nas Escrituras é o reino de Deus. Era o principal pensamento do ensino e da pregação de Jesus. Jesus veio como o cumprimento da mensagem de João Batista, que era clara, precisa e simples: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 3.2).

No Sermão do Monte, Jesus se focalizou no reino, o tema-chave de sua pregação. Por causa deste foco, o ser-

mão era mais do que simplesmente uma apresentação ética de princípios para viver bem. Jesus estava falando sobre os traços de caráter de pessoas que vivem um estilo de vida redimido no reino de Deus.

O conceito de reino é difícil de ser entendido para o cristão americano. Nossa forma de governo é a democracia, em que a simples ideia de monarquia é repugnante. Somos herdeiros dos revolucionários que proclamaram: “Aqui não serviremos nenhum soberano!” Nossa nação é construída sobre uma resistência a soberania. Os americanos travaram batalhas e guerras inteiras para serem libertos da monarquia. Como podemos entender a mente das pessoas do Novo Testamento que oravam para que o Filho de Davi restaurasse a monarquia e o trono de Israel?

O Rei chegou. Cristo se assentou exaltado à direita de Deus e reina como Rei. Mas Jesus não é meramente o Rei espiritual da igreja, cuja única responsabilidade é exercer autoridade sobre nossa piedade, como se houvesse separação entre igreja e estado. Jesus é o rei do universo. Esse é o fato de sua ascensão. Esta realidade, porém, não é acreditada ou reconhecida pelo mundo. Embora esse reinado seja um fato estabelecido, é *invisível* para o mundo em que vivemos. No céu, não há perguntas sobre isso. Na

terra, há muitas perguntas sobre isso. Jesus estava dizendo que temos de orar para que o reino de Deus se torne visível na terra, que o invisível se torne visível.

Rebelião contra a autoridade de Deus não é uma coisa nova ou exclusiva de nossos dias ou da cultura ocidental. Em Salmos 2.2-3, lemos: “Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas”.

Qual é a reação de Deus a esta insurgência: “Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles” (Sl 2.4). Mas Deus não se alegra por muito tempo, porque lemos nos versículos 5 e 6: “Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá. Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião”.

O Senhor fala àqueles que se rebelaram contra ele – aqueles que estão envolvidos nesta declaração cósmica de independência – e lhes diz: “Eu constituí o meu Rei, ungi o meu Cristo, é melhor vocês se submeterem a ele”. Lendo em seguida, no versículo 10, aprendemos algo mais:

Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra. Servi ao SENHOR com temor... para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em

pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.

Os cristãos devem orar pela manifestação do reino de Cristo e a vinda de seu reino. Se essa é a nossa oração, a nossa responsabilidade é mostrar lealdade ao Rei. As pessoas não têm de adivinhar a quem nós exaltamos.

FAÇA-SE A TUA VONTADE

Esta frase não está pedindo a Deus que determinado conselho se torne realidade ou que Deus faça as coisas que preordenou desde a eternidade. Em vez disso, estamos orando por obediência à vontade revelada de Deus – o que ele nos deixou evidente por meio de seus mandamentos. A terceira petição é uma súplica por obediência da parte do povo de Deus, uma súplica no sentido de que as pessoas que fazem parte do povo de Deus obedeçam aos mandamentos de Deus.

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Os anjos na corte de Deus fazem o que ele quer e deseja. Seu povo na terra não age assim. Deus é o formu-

lador da aliança; somos os transgressores da aliança, entrando frequentemente em colisão com a vontade do Pai.

Há um sentido em que as primeiras três petições estão dizendo a mesma coisa. A honra ao nome de Deus, a visibilidade de seu reino e a obediência à sua vontade são quase o mesmo conceito repetido de três maneiras diferentes. Estão inseparavelmente relacionados. Deus é honrado por nossa obediência, seu reino é tornado visível por nossa obediência, e muito obviamente sua vontade é feita quando somos obedientes a essa vontade. Estas são as prioridades que Jesus estabeleceu.

Não devemos entrar precipitada e arrogantemente na presença de Deus, atacando-o com nossas petições insignificantes, esquecendo a quem estamos nos dirigindo. Devemos assegurar-nos de que exaltamos apropriadamente o Deus da criação. Somente depois que Deus foi corretamente honrado, adorado e exaltado, as petições subsequentes do povo de Deus assumem seu devido lugar.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE

Deus supre as necessidades de seu povo. Devemos ressaltar que a súplica agora é o pão diário, não o lombo

assado ou o filé mignon diário. Deus supre as necessidades, mas nem sempre os caprichos.

Veja a experiência dos israelitas depois de terem sido libertos da terra do Egito. Deus supriu maravilhosamente o povo com pão, na forma do maná. O que aconteceu depois? Primeiro, eles pararam de agradecer a Deus por sua provisão. Em segundo, começaram a murmurar da provisão feita por Deus. Por fim, começaram a recordar as coisas boas que haviam desfrutado no Egito. Lembraram os pepinos, os melões, os alhos silvestres e as delícias que tinham comido no Egito – enquanto esqueceram a opressão, as dificuldades e as torturas que haviam suportado às mãos de Faraó. Murmuraram de terem de comer o maná no desjejum, no almoço e na janta. Os israelitas comiam suflê de maná, torta de maná, merengue de maná, maná cozido, maná assado, maná grelhado. Logo eles clamaram por carne. A história está registrada em Números 11.18-20:

Dize ao povo: Santificai-vos para amanhã e comereis carne; porquanto chorastes aos ouvidos do SENHOR, dizendo: Quem nos dará carne a comer? Íamos bem no Egito. Pelo que o SENHOR vos dará carne, e comereis. Não comereis um dia, nem dois dias, nem cinco, nem

dez, nem ainda vinte; mas um mês inteiro, até vos sair pelos narizes, até que vos enfastieis dela.

Deus falou: “Se vocês querem carne, eu lhes darei carne, e vocês comerão carne até que enjoem dela”.

Uma das coisas que denuncia a nossa condição caída é o conceito de homem de sucesso pessoal, aquele que toma o crédito por toda a abundância de seus bens e esquece a Fonte de toda provisão. Temos de lembrar que, em última análise, Deus nos dá tudo que temos.

**PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS,
ASSIM COMO NÓS TEMOS PERDOADO AOS NOSSOS
DEVEDORES**

Este é um pedido extremamente perigoso para fazermos em nossa oração, mas contém um princípio que o Novo Testamento leva muito a sério. Uma advertência suprema de Jesus é que Deus nos julgará de acordo com a maneira como temos julgado as outras pessoas. Visto que o homem é salvo pela graça, que melhor evidência poderia haver da salvação de um homem do que ele oferecer aos outros a graça que ele mesmo recebeu? Se essa graça não é evidente em nossa vida,

podemos tornar válida a pergunta sobre a genuinidade de nossa alegada conversão.

Temos de levar Deus a sério neste assunto. Em Mateus 18.23-35, Jesus nos conta a história de dois homens que deviam dinheiro. Um devia dez milhões de dólares, o outro devia aproximadamente dezoito dólares. O débito daquele que devia a enorme quantia de dinheiro foi perdoado por aquele a quem ele devia. Mas ele, por sua vez, não quis perdoar o homem que lhe devia a desprezível soma de dezoito dólares.

Interessantemente, ambos os homens pediram a mesma coisa – mais tempo, e não a isenção total da dívida. Foi cômico o homem que tinha uma dívida extremamente grande pedir mais tempo, visto que mesmo pelos padrões de salário de hoje a quantia devida era astronômica. Um dia de salário naquele tempo equivalia a cerca de dezoito centavos. O homem que tinha a dívida menor poderia ter pago sua dívida em três meses. Seu pedido por mais tempo não era ilógico, mas seu credor, em vez de expressar o perdão que recebera, começou a acozá-lo. O ensino deve ser claro. As ofensas que cometemos um ao outro e as ofensas que as pessoas cometem contra nós são como uma dívida de dezoito dólares, enquanto as inumeráveis ofensas que

temos cometido contra Deus são como a dívida de dez milhões de dólares.

Jonathan Edwards, em seu famoso sermão “A Justiça de Deus e a Condenação de Pecadores”, disse que todo pecado é mais ou menos detestável, dependendo da honra e da majestade daquele a quem ofendemos. Visto que Deus possui honra infinita, majestade infinita e santidade infinita, o menor pecado tem consequência infinita. Os pecados aparentemente triviais não são nada menos que “traição cósmica” quando visto à luz do grande Rei contra quem temos pecado. Somos devedores que não podem pagar sua dívida, mas temos sido livres da ameaça de prisão dos devedores. Insultamos a Deus quando retemos o perdão e a graça daqueles que nos pedem, enquanto nós mesmos afirmamos ser perdoados e salvos pela graça.

Há outro ensino importante a ser considerado. Mesmo em nosso ato de perdão não há mérito. Não podemos recomendar-nos a Deus e reivindicar perdão apenas porque perdoamos a outra pessoa. Nosso perdão não obriga, de maneira alguma, Deus para conosco. Lucas 17.10 ressalta com clareza que não há mérito nem mesmo na melhor de nossas boas obras: “Depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer”.

Não merecemos nada por nossa obediência, porque a obediência, mesmo ao ponto de perfeição, é a exigência mínima de um cidadão do reino de Deus. Tendo cumprido o dever, a única coisa que poderíamos reivindicar é uma isenção de castigo, mas, com certeza, nenhuma recompensa, porque teríamos feito apenas o que se esperava de nós. A obediência nunca se qualifica como “acima e além da chamada ao dever”. Entretanto, não temos obedecido; temos pecado gravemente. Por isso, estamos apenas numa condição de prostrar-nos a nós mesmos diante de Deus e rogar o seu perdão. Mas, se obedecemos, temos nós mesmos de estar preparados para mostrar esse perdão; do contrário, nossa posição em Cristo oscila precariamente. A principal lição do que Jesus estava dizendo é esta: “Pessoas perdoadas perdoam outras pessoas”. Não ousamos afirmar que possuímos a vida e a natureza de Cristo e, ao mesmo tempo, falhamos em exibir essa vida e natureza.

Ampliando o pensamento, se Deus perdoou uma pessoa, podemos nós fazer menos do que isso? Seria incrível pensar que nós, que somos tão culpados, nos recusaríamos a perdoar alguém que foi perdoado por Deus, que é totalmente inculpável. Devemos ser espelhos da graça para outros, refletindo o que nós mesmos recebemos. Isto implementa a regra áurea em termos práticos.

O perdão não é uma coisa particular, e sim coletiva. O corpo de Cristo é um grupo de pessoas que vivem diariamente no contexto de perdão. O que nos distingue é o fato de que somos pecadores perdoados. Jesus nos chama atenção não somente aos elementos horizontais da petição, mas também aos elementos verticais. Devemos orar todos os dias pelo perdão de nossos pecados.

Alguém talvez pergunte: “Se Deus já nos perdoou, por que devemos pedir perdão? Não é errado pedir algo que ele já nos deu?” A resposta final para uma pergunta como esta é sempre a mesma. Nós o fazemos porque Deus manda que façamos. O texto de 1 João 1.9 ressalta que uma das marcas de um cristão é sua atitude contínua de pedir perdão. O tempo do verbo no grego indica um processo incessante. O desejo de perdão distingue o cristão. O incrédulo racionaliza seu pecado, mas o cristão é sensível à sua indignidade. A confissão toma uma parte significativa de seu tempo de oração.

Pessoalmente acho amedrontador pedir a Deus que nos perdoe na medida em que perdoamos os outros. É quase sempre como pedir justiça a Deus. Eu costumava advertir aos meus alunos: “Não peçam justiça a Deus. Vocês podem recebê-la”. De fato, se Deus me perdoasse na *exata proporção* de minha disposição

de perdoar os outros, eu estaria numa dificuldade profunda.

O mandamento de perdoar os outros como fomos perdoados se aplica também à questão de perdoar a si mesmo. Temos a promessa de Deus de que, se confessarmos os nossos pecados, ele nos perdoará. Infelizmente, nem sempre cremos nessa promessa. A confissão exige humildade em dois níveis. O primeiro nível é a admissão da culpa; o segundo nível é a aceitação humilde do perdão.

Um dia, certa mulher perturbada com um problema de culpa veio até mim e disse: “Tenho pedido a Deus, repetidas vezes, que perdoe este meu pecado, mas ainda me sinto culpada. O que posso fazer?” A situação não envolvia a repetição múltipla do mesmo pecado, e sim a repetição múltipla de um pecado cometido uma única vez.

“Você deve orar novamente e pedir a Deus que a perdoe”, eu respondi. Um olhar de impaciência frustrada se evidenciou em seus olhos. “Mas já fiz isso!”, ela exclamou. “Tenho pedido a Deus repetidas vezes que me perdoe. Que proveito há em lhe pedir isso de novo?”

Em minha resposta, apliquei a força do provérbio do pau na cabeça da mula: “Não estou sugerindo que você peça a Deus que lhe perdoe esse pecado. Estou lhe pedindo que busque o perdão para sua arrogância”.

A mulher ficou admirada: “Arrogância? Que arrogância?” Ela estava supondo que seus repetidos pedidos de perdão eram prova determinante de sua humildade. Estava tão contrita por seu pecado que achava devia se arrepender dele sempre. Achava que seu pecado era muito grande para ser perdoado por uma dose de arrependimento. Que os outros cristãos recebam o perdão por graça; ela sofreria por seu pecado, não importando quão gracioso seja Deus. O orgulho fixara nesta mulher uma barreira para a sua aceitação de perdão. Quando Deus nos promete que nos perdoará, nós insultamos sua integridade quando recusamos aceitar o perdão. Perdoar a nós mesmos depois que Deus nos perdoou é um dever, bem como um privilégio.

NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO; MAS LIVRA-NOS DO MAL

A princípio, esta seção da Oração do Pai Nosso parece duas petições separadas, mas este não é o caso. Ela segue a forma literária de paralelismo usada do Antigo Testamento – duas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Jesus não estava sugerindo que Deus nos tentará ao mal, se não fizermos esta súplica. Tiago 4.13 diz especificamente que Deus não tenta a ninguém. Deus pode

testar, mas ele nunca *tenta* para o mal. Um teste é para o crescimento; a tentação é para o mal.

Nem toda tentação procede de Satanás, pois Tiago diz também que somos tentados por nossa própria cobiça. O mal inerente no coração do homem é capaz de tentar o homem sem a ajuda de Satanás.

O apelo para evitar a tentação e a petição por livramento do mal são uma e a mesma coisa. A tradução deste versículo em português não é a melhor, porque o mal do qual Jesus falou não é o mal no sentido geral. No grego, a palavra traduzida por “mal” é de gênero neutro; nesta seção da Oração do Pai Nosso, a palavra está no gênero masculino. Jesus estava dizendo que devemos pedir ao Pai que nos livre do *Maligno*, das investidas que Lutero chamou de “desenfreados ataques de Satanás”, o inimigo que deseja destruir a obra de Cristo neste mundo.

Jesus estava nos dizendo que peçamos ao Pai que construa uma cerca ao nosso redor. O pedido não tem o propósito de evitar as provações neste mundo, e sim proteger-nos da exposição desprotegida aos ataques de Satanás. Em sua “Oração Sumo Sacerdotal”, Jesus pediu ao Pai, não que tirasse os seus discípulos do mundo, e sim que os guardasse “do mal [*poneros*]” (Jo 17.15).

Nesta parte da oração, pedimos a presença redentora de Deus. Sem essa presença, somos presas fáceis do inimigo. Pense em Pedro quando ele terminou de expressar entusiasticamente a Jesus a extensão de seu compromisso, a profundidade de seu amor e de sua devoção, bem como a intensidade de sua lealdade. Olhando para ele e prevendo a sua negação, Jesus disse: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22.31-32). Em outras palavras, Jesus disse a Pedro que por si mesmo ele se colocaria nas mãos de Satanás. Se não fosse a intercessão de Cristo em favor de Pedro, este teria se perdido; sua fé teria fracassado.

Não somente temos Jesus a interceder por nós, para nos proteger do inimigo, mas também nós mesmos devemos pedir a Deus que nos guarde seguros das mãos do inimigo.

Em seis petições, Jesus delineou o padrão e as prioridades para a nossa vida de oração. A conclusão tradicional da Oração do Pai Nosso – “pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!” – não se acha nos melhores manuscritos. Com toda probabilidade, ela não estava no texto original, mas era uma conclusão usual

para as igrejas primitivas. No entanto, ela é uma conclusão apropriada e verdadeira. Retorna ao assunto do início da oração, elevando uma doxologia Àquele que ouve nossas petições.



Capítulo Quatro

A PRÁTICA DA ORAÇÃO

A Oração do Pai Nosso foi dada à igreja em resposta ao pedido dos discípulos de que o Senhor os ensinasse a orar. No sublime exemplo da Oração do Pai Nosso, vemos as prioridades da oração. Podemos também detectar um padrão de oração, um movimento que começa com adoração e se dirige, finalmente, à petição e suplica.

O acróstico “A-Ç-Ã-O” pode ser útil como padrão para a oração. Cada letra do acróstico representa um elemento vital da oração eficaz:

Adoração

Confissão

Ação de graças

Oração

O acróstico completo sugere a dinâmica da oração. A oração é ação. Embora seja expressa num espírito de quietude serena, a oração é ação. Quando oramos, não somos observadores passivos ou neutros, espectadores distantes. Gastamos energia no exercício da oração.

A Bíblia nos diz que “muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16). Fervor caracterizou a agonia de Jesus no Getsêmani, onde seu suor caiu no chão como gotas de sangue. Fervor descreve a luta de Jacó com o anjo, durante a noite, em Peniel. A oração é um exercício de paixão e não de indiferença.

Jesus contou a parábola da viúva persistente que apresentou o seu caso a um juiz. O juiz, um inescrupuloso, sem temor a Deus e ao homem, ouviu os apelos da viúva. Ele não se comoveu por um ímpeto repentino de compaixão, mas, pelo contrário, ficou cansado dos apelos repetidos da viúva. Em síntese, a mulher se tornou uma peste, impelindo, por meio de sua importunação, o juiz a agir.

O principal ensino da parábola não é que Deus é indiferente às nossas necessidades e tem de ser importunado, se desejamos ser ouvidos. Não é uma questão de correspondência entre o juiz injusto e Deus, o juiz perfeitamente justo. É um contraste. Jesus usou frequentemente o tema “quanto mais” em suas palavras. Nesta, ele afirmou: “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite?” (Lc 18.7). O ponto de comparação/contraste é este: se um juiz humano injusto ouve a petição de uma mulher insistente, *quanto mais* o nosso justo Juiz celestial ouvirá nossas petições?

A mulher persistente é comparada com os santos que *clamam* dia e noite. Como o rei Davi, cujo travesseiro era encharcado com suas lágrimas, os santos se achegam a Deus com emoção genuína e, até, lágrimas.

Fervor é um elemento apropriado da oração ativa. O entusiasmo não o é. Existe uma linha tênue entre ambos. Os dois contêm paixão. Ambos estão carregados de emoção. O fervor cruza o entusiasmo em dois pontos: o mental e o emocional. O fervor se torna entusiasmo quando a mente para de pensar, e as emoções saem de controle. A oração entusiasta cai na incoerência dos dervixes dançantes (grupo turco), e Deus não é honrado.

O entusiasmo, a imitação do fervor, é uma tentativa falsa de simular o fervor piedoso. Aqueles que manipulam deliberadamente as emoções das pessoas são advertidos aqui. Há algo santo, algo soberano no genuíno fervor espiritual que não pode ser produzido artificialmente. É fácil confundirmos fervor com entusiasmo, mas a confusão é mortal.

ADORAÇÃO

Como no modelo da Oração do Pai Nosso, a maneira mais apropriada de começarmos a orar é com adoração. Infelizmente, somos mais frequentemente impelidos a orar por nossos desejos e necessidades. Buscamos a Deus quando queremos algo dele. Estamos com tal pressa para apresentarlhe nossos pedidos e contar-lhe nossas necessidades (que Deus já conhece), que omitimos por completo a adoração ou passamos rapidamente por ela, de maneira negligente.

Omitir a adoração significa excluir o âmago da oração. Uma coisa é ser fervoroso nas súplicas, especialmente quando se ora em uma trincheira; outra coisa é ser fervoroso em adoração. As orações dos grandes santos, as orações dos guerreiros da história da igreja, são marcadas por sua adoração fervorosa a Deus.

Deus não permita que menosprezemos o ensino de Cristo, mas tenho de confessar que fiquei, pelo menos, surpreso com a resposta de Jesus ao pedido dos discípulos sobre a oração. Quando eles disseram: “Ensina-nos a orar”, eu aguardaria uma resposta diferente dos lábios de Jesus, diferente da que ele deu na forma da Oração do Pai Nosso. Eu esperaria uma resposta mais ou menos assim: “Vocês querem aprender a orar? Leiam os Salmos”.

Fiquei surpreso com o fato de que Jesus não recomendou os Salmos aos discípulos. Ali, achamos não somente o coração de Davi exposto, mas também um tesouro de adoração divinamente inspirado, cheio de modelos para seguirmos.

Nossa hesitação e fraqueza, em expressar adoração, pode ter duas causas principais. A primeira é nossa falta de vocabulário conveniente. Tendemos a ser indistintos no que concerne à adoração. Foi Edgar Allan Pole que disse que, para comunicar instrução, a prosa é um instrumento mais apropriado do que a poesia. Não é surpreendente que os salmos tenham sido escritos em forma poética. Neles, os mais elevados ápices de expressão verbal são atingidos no serviço do louvor da alma a Deus.

Muitas pessoas no movimento carismático têm declarado que uma das principais razões para a sua bus-

ca do dom de línguas é um desejo profundo de vencer ou superar a deficiência de um vocabulário pobre por meio de uma língua de oração diferente. Pessoas acham frequentemente que sua própria língua é inadequada para expressar adoração. Este sentimento de inadequação, de ter de usar as mesmas palavras velhas e desgastadas, produz frustração. Charles Wesley expressou opinião semelhante em seu hino “Oh! se eu tivesse mil línguas para cantar”. O hino se queixa de que a restrição a uma língua é um obstáculo lamentável ao louvor, a ser libertado somente pelo acréscimo de 999 outras línguas.

Os salmos foram escritos em vocabulário simples, mas poderoso, pelo qual o coração de vários escritores expressou reverência para com Deus, *sem ignorar a mente*. Abrindo sua boca, os salmistas proferiram louvor. Com certeza, esse louvor foi dado sob inspiração do Espírito Santo, mas por meio de homens cuja mente estava imersa nas coisas de Deus.

Outra grande barreira para expressar louvor é a ignorância. Sofremos não tanto de um vocabulário limitado, mas, principalmente, de um entendimento limitado daquele que adoramos. Nossa adoração sofre de uma falta de conhecimento de Deus.

Pense num adolescente apaixonado que escreve bilhetes de amor para sua namorada durante uma aula. O jovem pode ser tímido e hesitante, mas lhe dê uma caneta e tempo para pensar sobre o objeto de seu romance, e, repentinamente, ele é outro Shakespeare. Ora, bilhetes de amor podem ser, de um ponto de vista literário, sentimentais e menos do que sofisticados, mas não há falta de palavras. O coração motiva a caneta.

Como alguém escreve cartas de amor para um Deus desconhecido? Como os lábios formam palavras de louvor para um Ser supremo, indefinível e indescritível? Deus é uma pessoa que tem uma história sem fim. Ele se revela a nós não somente no glorioso palco da natureza, mas também nas páginas da Escritura Sagrada. Se enchermos nossa mente com a Palavra de Deus, nossos gaguejos imprecisos se tornarão padrões inteligentes de louvor significativo. Por nos imergirmos nos salmos, não somente ganharemos discernimento a respeito de como louvar, mas também aprimoraremos nosso entendimento daquele que estamos louvando.

Por que devemos adorar a Deus? Como seres humanos, fazer isso é nosso dever. Fomos chamados a encher a terra com a glória de Deus. Fomos criados à imagem de Deus para refletirmos a sua glória. Nossa principal função

é exaltar o Senhor. De modo semelhante, devemos adorar a Deus, mas não bajulá-lo, como que “preparando-o” para as nossas súplicas. Notamos que os anjos, no céu, são descritos como que cercando o trono de Deus com louvor e adoração.

Em termos práticos, por que adoração é tão importante para nós? Por que toda a vida do cristão – que deve ser uma vida de obediência e serviço – é motivada e enriquecida quando a santidade e a dignidade de Deus são gravadas em nossa mente. Antes que eu seja motivado a fazer algo difícil para alguém, preciso ter certa quantidade de respeito por aquela pessoa. Quando alguém me pede que vá ao mundo e suporte perseguição e hostilidade da parte de pessoas contrárias e iradas, tenho de respeitar profundamente aquele que me pediu isso. Quando agimos assim, a tarefa se torna mais fácil.

Quando começamos nossas orações com adoração, estamos estabelecendo o tom para nos achegarmos a Deus com confissão, ação de graças e súplicas. Hebreus 4.16 nos diz que devemos entrar no Santo dos Santos *confiantemente*, pois o véu foi removido pela cruz. A espada que o anjo segurava à porta do Paraíso foi removida. Cristo nos deu acesso ao Pai. Mas, se examinarmos a história da igreja, pessoas têm mantido uma distância respeitável, pen-

sando que Deus permanece indiferente a elas. A oração se tornou tão formal, que a igreja e suas pessoas reagiram com igual intensidade na direção oposta.

Hoje, temos a “oração conversacional”. Nossa conversa com Deus se dá nestes termos: “Olá, Deus! Como você está? As coisas não estão indo bem para mim hoje, mas, você sabe, você e eu, Deus, sairemos bem de algum modo, não é?” Esta é uma aproximação muito casual de Deus. Representa a reação contrária ao formalismo, mas é o tipo de informalidade que produz desdém. Criada para eliminar a artificialidade, ela produziu o pior tipo de artificialidade. É difícil imaginar que um ser criado teria a audácia de falar desta maneira com Deus, em sua presença imediata.

Deus nos convida a chegarmos livremente à sua presença, mas temos de compreender que estamos diante de *Deus*. Quando confrontados com o Senhor Deus onipotente, quem falaria como se estivesse falando com um amigo em um jogo de baseball? Podemos nos acercar a Deus com confiança, mas nunca com arrogância, nunca com presunção, nunca com frivolidade, como se estivéssemos lidando com um colega.

Quando começamos nossa oração com adoração e louvor, reconhecemos aquele com quem estamos falando.

A gramática não precisa ser perfeita, nem as palavras requintadas e eloquentes, mas elas têm de refletir o respeito e a honra devidos a Deus. Há um sentido em que a adoração nos introduz no modo pelo qual confessamos nossos pecados, expressamos nossos agradecimentos e fazemos nossas súplicas.

Vários livros recentes querem que creiamos que tudo que devemos fazer é seguir certos passos, e Deus nos dará o que quer que peçamos. Os autores dizem, em essência: “Siga este procedimento ou use estas palavras específicas e tenha certeza de que Deus cederá aos seus pedidos”. Isso não é oração, é mágica. São artificios tencionados a manipular o Deus soberano. Mas quem ora desta maneira esquece aquele com quem ele está falando. O Deus soberano não pode ser manipulado, porque conhece os corações de todos que oram a ele. A verdadeira oração pressupõe uma atitude de submissão humilde e adoração ao Deus todo-poderoso.

CONFISSÃO

Depois de expressarmos adoração, temos de chegar-nos a Deus com corações de confissão. Não temos qualquer direito de estar diante dele, exceto com base na obra consumada de Cristo. Não podemos fazer qualquer rei-

vindicação, em e de nós mesmos, aos ouvidos de Deus. Não temos nenhum direito intrínseco de estar em sua presença. As Escrituras nos dizem que Deus é muito santo até para olhar para o pecado. Deus se deleita nas orações dos justos, mas não somos muito justos em nossa vida diária. No entanto, o Deus a quem servimos nos convida a entrar em sua presença, *apesar do nosso pecado*.

Em nosso estudo da Oração do Pai Nosso, consideramos alguns dos elementos importantes. Como a oração modelo sugere, a confissão deve ser uma parte normal de nossa conversa com Deus. A confissão não é um assunto frívolo com o qual nos envolvemos somente em ocasiões oportunas e certas datas durante o ano. A confissão deve ser uma atividade diária para o cristão, cuja peregrinação é caracterizada, em sua inteireza, pelo espírito de arrependimento. A principal razão por que a confissão tem de ser feita diariamente é que nossos pecados contra as leis de Deus são cometidos todos os dias. Fazemos coisas que não devemos e deixamos de fazer aquelas coisas que Deus nos manda fazer. Temos uma dívida diária perante Deus. Consequentemente, nossas orações diárias têm de incluir atos genuínos de confissão.

Não foi por acaso que a Igreja Católica Romana elevou o rito de penitência ao nível de um sacramento. Visto

que o sacramento da penitência estava no centro do conflito da Reforma Protestante, uma reação de negativismo para com a penitência se estabeleceu entre os protestantes. Foi um caso clássico de reação extrema, de “jogar tudo fora sem aproveitar o que é útil”. Os reformadores não procuravam eliminar o arrependimento e a confissão, e sim a reforma das práticas da igreja relacionadas a estas coisas.

O sacramento de penitência católico romano contém vários elementos: confissão verbal, absolvição sacerdotal e “obras de satisfação”. Estas obras de satisfação podem ser atividades mecânicas, como dizer muitas “Ave-marias” ou “Pais-Nossos”, ou podem ser atos mais rigorosos de penitência. As obras de satisfação tencionam garantir “mérito congruente” para o cristão penitente, tornando-o pronto para que Deus restaure a graça da justificação.

Foi o terceiro aspecto do sacramento de penitência que criou tanta controvérsia no século XVI. As obras de satisfação, aos olhos dos reformadores, eclipsavam a suficiência e a eficácia da obra consumada de Cristo em nosso favor, na cruz. O “mérito congruente”, do qual Roma falava, obscurecia a doutrina bíblica da justificação somente pela fé.

Na controvérsia sobre o arrependimento, os reformadores protestantes não repudiaram a importância da

confissão e reconheceram que confessar os pecados a outra pessoa é bíblico. Todavia, eles desafiaram a exigência de confissão a um sacerdote.

O princípio de absolvição sacerdotal não era uma questão fundamental. A Igreja Católica Romana sempre ensinara que as palavras sacerdotais “*Te absolvo*” (“Eu te absolvo”) acham sua força na promessa de Jesus à igreja: “O que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus” (Mt 16.19), garantindo ao porta-voz da igreja um direito de proferir o perdão de Cristo à pessoa penitente. A Igreja Católica Romana entende que o poder de perdoar pecados não reside, em última análise, no sacerdote. O sacerdote é apenas o porta-voz de Cristo. Na prática, a absolvição sacerdotal difere muito pouco da “segurança de perdão” do ministro protestante, que é dada dos púlpitos, em todo o país, cada domingo.

O apóstolo João nos diz: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1.9). Aqui, temos a promessa de Deus de perdoar nossos pecados confessados. Ignorar ou negligenciar esta promessa é seguir um caminho perigoso. Deus nos ordena a confessar nossos pecados e promete perdóá-los. O fato de que devemos con-

fessar nossos pecados diariamente é claro. O que a confissão significa e o que ela envolve são questões que precisam de algum desenvolvimento.

Podemos distinguir entre dois tipos de arrependimento: *atриção* e *contrição*. *Atrição* é o arrependimento falsificado, que nunca nos qualifica para o perdão. É como o arrependimento de uma criança que é apanhada no ato de desobedecer a sua mãe e clama: “Mamãe, mamãe, sinto muito; por favor, não bata em mim”. *Atrição* é o arrependimento motivado estritamente pelo temor de punição. O pecador confessa o seu pecado a Deus, não impellido por tristeza genuína, e sim por um desejo de garantir um livramento do inferno.

O verdadeiro arrependimento reflete *contrição*, uma tristeza piedosa por ofender a Deus. Aqui, o pecador lamenta o seu pecado, não pela perda de recompensa ou ameaça de julgamento, mas porque ele trouxe injúria à honra de Deus.

A Igreja Católica Romana usa uma oração de confissão chamada “O Ato de Contrição” para expressar este tipo de arrependimento: “Ó meu Deus, estou triste de coração por ter ofendido a ti. Detesto todos os meus pecados por causa de tua justa punição, mas, acima de tudo, porque ofendi a ti, ó meu Deus, que mereces todo o meu

amor. Resolvo firmemente, com a ajuda de tua graça, não pecar mais e evitar a ocasião de pecado”.

Esta oração vai além da atrição, o mero temor de punição, chegando a uma tristeza piedosa por ofender a Deus. Observe que o pecador reconhece que Deus é *todo o bem* e merece o nosso amor. Este reconhecimento silencia todas as tentativas de autojustificação.

A oração inclui uma firme resolução de não cometer novamente o pecado, uma disposição de abandonar o mal e evitar até a ocasião dele. Um reconhecimento humilde da dependência da misericórdia e da ajuda divina também está incluído.

É claro que é possível alguém usar esta oração de maneira mecânica, recitando-a como um exercício formal, sem qualquer tristeza sincera. Mas as palavras da oração expressam os elementos da verdadeira confissão.

A contrição perdeu muito de seu significado em nossa cultura. Não é difícil convencer as pessoas de que elas são pecadoras, pois ninguém dirá que é perfeito. A resposta comum é: “Sim, eu sou um pecador. Todos são pecadores. Ninguém é perfeito”. Há poucos, se há alguém, que afirmam ser inculpáveis, estar levando vidas de coerência ética e cumprindo a Regra Áurea em toda situação. O problema está no reconhecimento da intensidade de nosso pe-

cado, a extrema falta de bondade de nossas ações. Porque somos todos pecadores e sabemos que compartilhamos da mesma culpa, nossa confissão tende a ser superficial, frequentemente não caracterizada por sinceridade, ou um senso de urgência moral.

O salmo 51, uma súplica de perdão proferida por um pecador contrito, foi escrito pelo rei Davi depois de haver cometido adultério com Bate-Seba. Davi não se aproximou de Deus com desculpas. Ele não pediu a Deus que considerasse as circunstâncias que produziram o pecado ou o isolamento de sua posição como governante. Davi não procurou minimizar a gravidade de seu pecado na presença de Deus. Não houve racionalizações e nenhuma tentativa de autojustificação, que caracterizam tanto pessoas culpadas.

Davi disse: “Eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim... serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar” (vv. 3-4). Em outras palavras, Davi acreditava que Deus seria totalmente justificado se não lhe desse nada, exceto punição completa. Davi exibiu aquilo que Deus disse não desprezará: um coração quebrantado e contrito.

Em seguida, Davi suplicou restauração ao favor de Deus: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. Não me repulses

da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário” (vv. 40-42). Ele entendeu o elemento mais crucial da confissão: dependência total da misericórdia de Deus. Davi não podia expiar seus próprios pecados. Não havia nada que ele pudesse fazer e nada que pudesse dizer para desfazer o que tinha feito. Não havia meios de ele “compensar seu erro” a Deus. Davi entendeu o que Jesus deixou claro mais tarde – somos devedores incapazes de pagar nossas dívidas.

A confissão é como uma declaração de falência. Deus exige perfeição. O menor pecado mancha um registro perfeito. Todas as “boas obras” no mundo não podem apagar a mancha e mover-nos da imperfeição para a perfeição. Quando cometemos o pecado, estamos moralmente falidos. Nossa única esperança é ter esse pecado perdoado e coberto por meio da expiação dAquele é totalmente perfeito.

Quando pecamos, nossa única opção é o arrependimento. Sem arrependimento não há perdão. Temos de chegar diante de Deus em contrição. Davi o expressou desta maneira: “Não te comprazes em sacrifícios... Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51.16-17).

Aqui, os pensamentos profundos de Davi revelam seu entendimento do que muitas pessoas do Antigo Testamento não compreenderam – a oferta de sacrifícios no templo não obtinha mérito para o pecador. Os sacrifícios apontavam para além deles mesmos, para o Sacrifício perfeito. A expiação perfeita foi oferecida pelo Cordeiro perfeito e sem mancha. O sangue de touros e de bodes não remove o pecado. O sangue de Jesus o remove. Para nos aproveitarmos da expiação de Cristo e obtermos essa cobertura, precisamos chegar-nos a Deus com quebrantamento e contrição. Os verdadeiros sacrifícios para Deus são um coração quebrantado e um espírito contrito.

Havia um importante elemento de surpresa na experiência de perdão de Davi. Ele havia rogado a Deus que purificasse o seu pecado e o tornasse limpo. Em certo sentido, o perdão nunca deve ser uma surpresa. Nunca devemos ficar surpresos quando Deus cumpre sua palavra de perdoar aqueles que confessam seus pecados. Deus cumpre suas promessas; o homem não. Deus é o Elaborador da Aliança; nós somos os transgressores da aliança.

Considerando a questão à luz de outra perspectiva, devemos ficar surpresos *toda vez* que experimentamos o perdão. Nunca devemos ver a misericórdia e o perdão de Deus como naturais, embora vivamos numa cultura que

faz isso. É assustador considerar a facilidade com que vemos a graça de Deus como algo natural. Ocasionalmente, faço estas perguntas a universitários, seminaristas e professores de seminário: Deus está obrigado a ser amoroso? Ele está obrigado a mostrar perdão e graça? Repetidas vezes, a resposta deles é afirmativa: “Sim, é claro; a natureza de Deus é ser amoroso. Ele é essencialmente um Deus de amor. Se ele não mostrasse amor, não seria Deus. Se Deus é Deus, ele *tem de* ser misericordioso!”

Ele *tem de* ser misericordioso? Se Deus tem de ser misericordioso, então sua misericórdia não é mais espontânea ou voluntária. Ela se torna obrigatória. Se isso é verdade, ela não é mais misericórdia, e sim justiça. Ninguém pode exigir que Deus seja misericordioso. Quando pensamos que ele está obrigado a ser misericordioso, uma luz vermelha deveria brilhar em nosso cérebro, indicando que não estamos mais pensando em misericórdia, e sim em justiça. Precisamos fazer mais do que cantar “Graça Admirável” – precisamos ficar constantemente admirados com a graça.

AÇÃO DE GRAÇAS

Ação de graças tem de ser uma parte integral da oração. Deve estar ligada inseparavelmente às nossas petições

de súplica. As Escrituras nos mandam que nos acheguemos a Deus e lhe apresentemos todas as nossas petições com ações de graças. Ação de graças é um reconhecimento de Deus e de seus benefícios. Em salmos 103.2, Davi afirma: “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios”.

Ingratidão é um problema sério. As Escrituras nos falam muito sobre ela. O não ser grato é uma marca tanto dos pagãos como dos apóstatas.

Em Romanos 1.21, Paulo chama atenção a dois pecados elementares dos pagãos. Ele diz: “Tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças”. Honra e ação de graças devem ser distinguidos, mas não separados. Deus é honrado por ação de graças e desonrado por sua ausência. Tudo que temos e tudo que somos devemos, em última análise, à benevolência de nosso Criador. Desprezá-lo por retermos a gratidão apropriada é exaltar a nós mesmos e aviltá-lo.

Os pagãos devem ser distinguidos dos apóstatas. Os pagãos nunca entraram na família da fé. São estranhos à comunidade da aliança. Idolatria e ingratidão os caracterizam. Os apóstatas são pessoas que se unem a uma igreja, se tornam membros da comunidade da aliança visível e, depois, repudiam a igreja, deixando-a em troca de uma

vida de satisfação secular. Os apóstatas são pessoas “que esquecem”. Têm memória curta.

O encontro de Jesus com os dez leprosos ilustra a importância da ação de graças. Inúmeros sermões já foram pregados sobre a cura dos dez leprosos, focalizando a atenção no tema de gratidão. O principal argumento de muitos destes sermões é que Jesus curou dez leprosos, mas somente um deles ficou grato. A única resposta educada a esse tipo de pregação é chamá-la o que ela é – absurdo. É inconcebível que um leproso que suportou a terrível miséria que ele enfrentava todos os dias, no mundo antigo, não teria ficado grato por receber cura instantânea daquela doença terrível. Se tivesse sido um dos leprosos, até Adolf Hitler teria ficado grato.

A questão-chave da história não é *gratidão*, e sim *ação de graças*. Uma coisa é alguém se sentir grato; outra coisa é expressar isso. Os leprosos eram separados da família e dos amigos. Purificação instantânea implicava livramento do exílio. Podemos imaginá-los delirantemente felizes, apressando-se em ir ao lar, para abraçar a esposa, os filhos e anunciar sua cura. Quem não seria grato? Mas somente um deles adiou seu retorno ao lar e tomou tempo para *dar* graças. O relato em Lucas 17 diz: “Um dos dez, vindo que fora curado, voltou, dando glória a Deus em alta

voz, e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, *agradecendo-lhe*; e este era samaritano” (vv. 15-16).

Todas as nossas orações devem incluir ação de graças. Como o leproso, temos de parar, voltar e agradecer. Somos tão devedores a Deus que jamais poderemos esgotar nossas oportunidades para expressar gratidão.

Esquecer os benefícios de Deus é também a marca do cristão imaturo, aquele que vive por seus sentimentos. Ele é propenso a uma vida espiritual do tipo montanha-russa, movendo-se rapidamente de auges estáticos para depressivos. Nos momentos de auge, ele tem um sentimento exultante da presença de Deus, mas entra em desespero no momento em que sente uma ausência profunda desses sentimentos. Ele vive de bênção em bênção, sofrendo as angústias de uma memória curta. Vive sempre no presente, saboreando o “agora”, mas perdendo de vista o que Deus fez no passado. Sua obediência e culto são tão fortes quanto a intensidade de sua última recordação de bênção.

Se Deus jamais nos desse outro vislumbre de sua glória nesta vida, se ele jamais nos respondesse outro pedido, se ele jamais nos desse outro dom da abundância de sua graça, ainda assim estaríamos obrigados a gastar o resto de nossas vidas agradecendo-lhe pelo que já fez. Já temos

sido abençoados com tanta suficiência que devemos ser movidos diariamente por ação de graças. No entanto, Deus continua a nos abençoar.

ORAÇÃO

Alguém disse: “Com tantas pessoas famintas, pode ser errado eu orar por um tapete para a minha sala de estar”. Todavia, o Deus que cuida de estômagos vazios do mundo é o mesmo Deus que se interessa por salas de estar vazias. O que é importante para nós talvez seja importante para nosso Pai. Se não temos certeza a respeito da conveniência de nosso pedido, devemos contar isso a Deus. Tiago 4.5 diz: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida”. A expressão grega traduzida por “nada impropera” significa, literalmente, “sem lançar de volta em sua face”. Não precisamos temer a reprovação de Deus, contanto que estejamos buscando sinceramente sua vontade em determinada situação.

Nada é grande demais ou pequeno demais diante de Deus em oração, desde que não seja algo que temos certeza de que é contrário a vontade expressa de Deus, ma-

nifestada com clareza em sua Palavra. Obviamente, seria muito inapropriado pedir a Deus que nos torne ladrões competentes. Não podemos tentar a Deus, como o fez o homem que revelou, durante uma entrevista em um programa nacional de televisão, que tinha feito um pacto com Deus. O homem declarou que tinha prometido a Deus que, se ele o abençoasse com dois bordéis, ele o serviria pelo resto de sua vida.

E se as nossas orações parecem não ser respondidas? Às vezes, nos sentimos como se faltasse às nossas orações o poder de ir além do teto. É como se as nossas petições caíssem em ouvidos surdos, e Deus permanecesse quieto e desinteressado por nosso apelo fervoroso. Por que estes sentimentos nos assombram?

Há várias razões por que ficamos às vezes frustrados em oração. Veremos as mais importantes:

1. Oramos por generalidades vagas. Quando todas as nossas orações são vagas ou universais em escopo, é difícil experimentarmos a alegria que acompanha as respostas claras e óbvias de oração. Se pedirmos a Deus que “abençoe todas as pessoas do mundo” ou “perdoe todas as pessoas de nossa cidade”, dificilmente veremos a resposta da oração de maneira concreta. Ter um escopo

de interesse amplo em nossa oração não é errado, mas, se toda oração for geral, nenhuma oração terá aplicação concreta e específica.

2. Estamos em guerra com Deus. Se não estamos em harmonia com Deus ou estamos em rebelião para com ele, não podemos esperar que ele tenha um ouvido benevolente para com nossas orações. Seus ouvidos se inclinam para aqueles que o amam e buscam obedecer-lhe. Ele afasta os seus ouvidos dos ímpios. Portanto, uma atitude de reverência para com Deus é vital à eficácia de nossas orações.

3. Tendemos a ser impacientes. Quando eu oro por paciência, tendo a pedir que me seja dada “agora mesmo”. É comum esperarmos anos, realmente décadas, para que nossos pedidos mais sinceros sejam respondidos. Deus raramente está com pressa. Por outro lado, nossa fidelidade a Deus tende a depender de atos “imediatos e amáveis” da parte dele. Se ele demora, nossa impaciência dá lugar à frustração. Precisamos aprender a ter paciência, pedindo a Deus sua paz.

4. Temos memória curta. É fácil esquecermos os benefícios e os dons dados pelas mãos de Deus. O crente lembra os dons de Deus e não exige um novo dom a cada hora, para manter a sua fé intacta.

Embora Deus nos acumule de graça sobre graça, devemos ser capazes de regozijar-nos com os benefícios de Deus, ainda que não recebamos nenhum outro benefício da parte dele. Lembre-se dos benefícios do Senhor quando estiver diante dele. Ele não lhe dará uma pedra, quando você lhe pedir pão.



Capítulo Cinco

AS PROIBIÇÕES DA ORAÇÃO

Nas Escrituras, há poucas proibições referentes à oração. Em Salmos 66.18, o salmista Davi escreveu estas palavras divinamente inspiradas: “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido”. O versículo no hebraico poderia ser traduzido: “Se eu *tivesse* iniquidade no meu coração, o Senhor não teria ouvido”.

Em qualquer caso, Davi estava apresentando uma condição sob a qual sua oração não seria eficaz e não seria ouvida. A palavra hebraica traduzida por “contemplara” é

raab, que significa apenas “ver”. Em outras palavras, se eu olho para minha vida e vejo pecado e o alimento, minhas orações são um exercício de futilidade.

Isto significa que, se o pecado está presente em nossa vida, Deus recusa ouvir nossas orações? Não. Se fosse assim, toda oração seria fútil. Todavia, se nosso coração está endurecido em um espírito de impenitência, nossas orações não são apenas fúteis, mas também um escárnio de Deus.

No Salmo 66, Davi recordou a si mesmo que há um tempo em que a oração é um ato presunçoso, arrogante, detestável e odioso perpetrado contra o Todo-Poderoso. Este salmo se abre com 17 versículos de alegria e de louvor a Deus por suas realizações poderosas. De repente, aparece no versículo 18 o lembrete sombrio de como toda a história poderia ter sido diferente. Somos alertados da importância de chegar-nos apropriadamente a Deus em oração. Se há algo pior do que não orar, é orar em uma atitude indigna.

Outras passagens da Escritura refletem esta atitude. Salmos 109.7 sugere que a oração dos ímpios deve ser considerada pecado. João 9.34 afirma especificamente que o Senhor não ouve pecadores. Provérbios 15.29 diz: “O SENHOR está longe dos perversos, mas atende à oração

dos justos”. Provérbios 28.9 diz que a oração do desobediente ou rebelde é “abominável” para o Senhor. É repulsiva ou detestável para ele.

Por outro lado, Tiago nos diz que a oração do *justo* realiza muito (5.16). Mas não somos justos em nossa vida diária. Sim, estamos vestidos da justiça de Cristo, por isso, no que diz respeito à nossa posição diante de Deus, somos justos. Todavia, a manifestação prática do que somos em Cristo é terrivelmente inadequada e incoerente.

Às vezes, os teólogos definem um conceito por dizerem o que algo *não* diz e o que ele realmente diz. O que o salmista *não* estava dizendo era que, se tivesse sido culpado de pecado, o Senhor não o teria ouvido. O salmista estava dizendo que, se tivesse pecado em seu coração, Deus não o teria ouvido.

CONFISSÃO É PARTE INTEGRANTE DA ORAÇÃO

Davi confessou frequentemente pecados nos salmos. Sabemos que ele não disse que, para orar, uma pessoa tem de ser santa. Do contrário, ninguém oraria. De fato, ser um pecador é um dos pré-requisitos para a entrada no reino de Deus. Jesus disse que não viera chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento. Examinando de novo

a Oração do Pai Nosso como modelo, observamos que confissão é uma parte integral da oração. Sem a confissão de pecado, 1 João 1.9 nos diz, não há perdão de pecado.

Meu mentor, o Dr. John Gerstner, falou-me de uma ocasião, em uma de suas reuniões, em que uma mulher lhe disse que ela não tinha pecado por mais de vinte anos. O Dr. Gerstner disse que sentia pesar por ela, porque isso significava que ela não tinha orado por mais de vinte anos, pelo menos não da maneira como o Senhor nos ensinou a orar.

Não estou sugerindo que, quanto mais pecamos, tanto mais qualificados estamos para a oração. Obviamente, isso seria uma conclusão falsa. Entretanto, confessar o pecado, pedir perdão por “nossas dívidas” ou “transgressões” é parte integral da prática da oração, como o próprio Senhor delineou. De fato, quanto mais piedosos somos, quanto mais nos esforçamos para ser dedicados, tanto mais dolorosamente cômicos de nosso pecado seremos. É como andar em direção a uma montanha. Quanto mais nos aproximamos da montanha, tanto maior ela parece ser.

Pense no conto de fadas “A Princesa e a Ervilha”. A princesa esteve fora por um tempo, e alguns tentaram reivindicar o trono. Para provar a verdadeira realeza, um

esquema foi elaborado. Vários colchões foram empilhados um sobre o outro, com uma pequena ervilha escondida sob a pilha de colchões. Nenhuma das falsas princesas tinha noção de que algo estava lá, mas a verdadeira princesa não pôde dormir por causa do extremo desconforto causado pela ervilha. Ela foi extraordinariamente sensível à presença da pequena ervilha.

A lição para os cristãos deve ser clara. Quando temos esse tipo de sensibilidade ao pecado, temos sensibilidade real. Quanto mais próximos estivermos de Deus, tanto mais o menor pecado causará em nós profunda tristeza.

Podemos ter certeza de que ser culpado de pecado não nos desqualifica do privilégio de entrar na presença de Deus. O salmista não estava falando sobre cometer pecado, e sim *tolerar* o pecado. Os puritanos falaram sobre este conceito de tolerar o pecado. Precisamos olhar não tanto para a vitória sobre o pecado, e sim para a própria batalha. Estamos numa batalha constante contra o pecado, e nunca saímos ilesos.

Uma das marcas de um verdadeiro cristão é que ele nunca para de lutar. Ele não vence sempre, ainda que vencerá a batalha final por causa de Cristo. Se alguém desiste da luta, ele aceita verdadeiramente o mal, tornando-o legítimo. Em resumo, ele ignora o mal e o permite.

Em um sermão sobre a primeira das bem-aventuranças, “Bem-aventurados os humildes de espírito”, o grande pregador inglês Charles Haddon Spurgeon disse que “o pecador orgulhoso quer Cristo e suas festas, Cristo e suas concupiscências, Cristo e sua própria obstinação. Aquele que é verdadeiramente humilde de espírito quer somente a Cristo, e fará qualquer coisa, e dará qualquer coisa para tê-lo”. Isto é o que o Salmo 66 está sugerindo. A própria ideia de uma pessoa tentar orar enquanto nutre algum pecado, enquanto se apegua ao pecado que ele não está disposto a render ao senhorio de Cristo, lança dúvidas sobre a validade da filiação dessa pessoa.

NÃO PERMITINDO OBSTÁCULOS

As Escrituras citam outras aplicações práticas deste conceito. Em 1 Pedro 3.7, lemos: “Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações”. A palavra grega traduzida por “se interrompam” é *ekkepto*, que significa, literalmente, “cortar”. Se não tratamos da discórdia no re-

lacionamento conjugal, as orações são cortadas. Isto ecoa a advertência inicial do Salmo 66.

Um segundo exemplo se acha em Mateus 5.23-24: “Se, pois, ao trazeses ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta”. Nesta passagem, Jesus está dizendo que, se há conflitos não resolvidos em nossa vida, nossa adoração está maculada. Ele está estabelecendo prioridades. Primeiro, devemos cuidar daquelas coisas que exigem atenção; depois, podemos oferecer nossa adoração. Embora a passagem não fale especificamente de oração, o princípio de acertar as coisas é constante.

Quando fazemos pedidos a Deus com pecado não confessado – e não purificado – em nosso coração, somos como o universitário irado que confrontou seu professor sobre uma nota baixa. O professor ouviu educadamente as frustrações do aluno, mas comentou que, em sua estimativa profissional honesta, o aluno recebera a nota que merecia. O aluno argumentou que não somente ele, mas também vários outros na classe, sentiram que a nota fora injusta.

O professor, com curiosidade compreensível, perguntou o que eles achavam deveria ser feito. O aluno ex-

plicou: “Eles decidiram que devem atirar em você. Mas há um pequeno problema: nenhum deles tem um revólver”. O professor suspirou de alívio e expressou seu mais profundo sentimento de tristeza pela “triste condição” destes alunos. “Mas *você* tem um revólver”, o jovem disse. Este aluno teve a ousadia de perguntar ao gentil professor se ele não emprestaria seu revólver para que os alunos atirassem nele.

De maneira semelhantemente audaciosa, se vemos a iniquidade em nossa vida e a abrigamos no coração quando oramos, estamos pedindo a Deus a força de que precisamos para amaldiçoá-lo. Estamos pedindo a Deus mais forças para desobedecê-lo ainda mais. Assim como o professor não estava disposto a emprestar seu revólver para aqueles que desejavam matá-lo, Deus não está disposto a honrar nossos pedidos resultantes de corações pecaminosos.



Capítulo Seis

O PODER DA ORAÇÃO

Somos motivados pela litania da fé que achamos em Hebreus 11. Ali temos a “Lista de Chamada da Fé”, que cataloga os atos heroicos de homens e mulheres bíblicos de fé. Seus atos são resumidos parcialmente nos versículos 33 e 34: “Os quais, por meio da fé, subjugarão reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros”.

As Escrituras não nos apresentam um catálogo semelhante dos heróis de oração, mas essa lista poderia ser compilada facilmente. Seguindo o mesmo formato usado pelo autor de Hebreus, examinemos uma lista parcial das realizações da oração:

- Pela oração, o coração de Esaú foi mudado para com Jacó, para que se encontrassem de maneira amigável e não hostil (Gn 32).
- Pela oração de Moisés, Deus trouxe as pragas sobre o Egito e, depois, as removeu (Êx 7-11).
- Pela oração, Josué fez o sol deter-se (Js 10).
- Pela oração, quando Sansão estava prestes a morrer de sede, Deus fez brotar água de uma cavidade para o sustento de Sansão (Jz 15).
- Pela oração, a força de Sansão foi restaurada. Ele derrubou o templo de Dagom sobre os filisteus, de modo que foram mais os que matou na sua morte do que os que matara na sua vida (Jz 16).
- Pela oração, Elias reteve as chuvas por três anos e meio. Depois, pela oração, ele fez chover de novo (1 Rs 17-18).
- Pela oração de Ezequias, Deus enviou um anjo e matou, em uma noite, 185.000 homens do exército de Senaqueribe (2 Rs 19).

- Pela oração de Asa, Deus confundiu o exército de Zera (2 Cr 14).

Faltaria tempo para eu falar de Abraão, que orou por um filho e o recebeu na idade de cem anos; de Moisés, que recebeu ajuda no Mar Vermelho; dos israelitas, que foram libertados do Egito depois de muita oração; de Davi, que, por oração, escapou da traição de Saul; de Salomão, que recebeu grande sabedoria como resultado de oração; e de Daniel, que foi capaz de interpretar os sonhos depois de orar. Pessoas foram libertadas de perigos, curadas de enfermidades, viram a cura de seus amados e testemunharam inúmeros milagres como resultado de oração fervorosa.

Tiago compreendeu bem isso quando escreveu que a oração eficaz de um justo pode fazer muito (5.16).

CONDIÇÕES DAS PROMESSAS

O poder da oração não é automático nem mágico. Há condições vinculadas às promessas da Bíblia concernentes à oração. Às vezes, Jesus usou um tipo de “taquigrafia”, apresentando breves aforismos sobre a oração para encorajar seu povo a praticar a oração. Lembramos afirmações como: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis;

batei, e abrir-se-vos-á” (Mt 7.7); “Se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus” (Mt 18.19); “Tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mt 21.22).

Afirmações sucintas como essas têm provocado teorias bizarras sobre a oração. Elas surgem quando pessoas isolam estas passagens de tudo mais que Jesus e a Bíblia dizem sobre a oração. Distorções também são abundantes quando nos aproximamos destes aforismos de maneira simplista. Considere a afirmação sobre duas pessoas que concordam em um assunto. Não seria difícil achar dois cristãos que concordam em que livrar o mundo de guerras ou do câncer é uma boa ideia. No entanto, a oração deles quanto a este assunto não realizaria automaticamente o seu desejo. A Palavra de Deus indica que guerras e doenças estarão no mundo até ao tempo da volta de Cristo. Esperar a sua total eliminação antes do tempo designado significa assimilar prematuramente as promessas de Deus.

Ainda temos de sofrer as assolações do pecado, da doença e da morte. Pedimos a Deus que nos conforte, nos livre, nos cure – mas não podemos exigir estas coisas de maneira total.

A ideia de que Deus “sempre quer curar” tem sido uma distorção destrutiva na comunidade cristã. Os problemas pastorais que resultam disto são enormes. Certa vez fui abordado por um homem que sofria de paralisia cerebral. Sua fé cristã era vibrante, sua atitude era contagiante, com otimismo agradável, e sua produtividade era excepcional. Ele se graduara na universidade com notas elevadas. Sua pergunta a mim foi comovente: “Dr. Sproul, você acha que estou possesso de demônios?” A vida daquele homem fora lançada em caos.

Admirado com a pergunta, eu respondi: por que você faria essa pergunta?

O jovem homem prosseguiu e relatou uma série de eventos desencadeados por um encontro com alguns amigos cristãos que haviam “reivindicado” a promessa da Escritura e “concordado” em que o jovem homem estava curado da paralisia cerebral. Eles haviam imposto as mãos sobre ele, fazendo a “oração da fé” e reivindicando a cura para ele. Quando se tornou evidente que ele não fora curado, eles primeiramente o censuraram por sua falta de fé. Em seguida, disseram que ele era culpado de algum pecado oculto que estava impedindo a cura. Por fim, concluíram que ele estava possuído de demônios e o deixaram com a alma atribulada. Seus “amigos” nunca consideraram que o

erro poderia ser deles mesmos. Haviam dado a impressão de serem zelosos, cristãos cheios do Espírito. Suas ações revelaram, no melhor, imaturidade e, no pior, arrogância e presunção.

Deus não é um atendente celestial pronto a responder a nosso aceno e chamada para satisfazer nossos caprichos. Em alguns casos, nossas orações devem envolver labuta da alma e agonia de coração, como o próprio Jesus experimentou no Jardim do Getsêmani. Às vezes, o cristão imaturo sofre desapontamento amargo, não porque Deus falhou em cumprir suas promessas, e sim porque cristãos bem intencionados fizeram promessas “para” Deus que ele nunca autorizou.

Os resumos simples que Jesus nos dá têm o propósito de nos encorajar a orar. O padrão parece simples. Devemos pedir e receberemos. No entanto, o Novo Testamento expande as condições, dando-nos uma perspectiva mais completa do que está envolvido na oração eficaz:

1. João 9.31 – “Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende”.

2. João 14.13 – “Tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho”.

3. João 15.7 – “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito”.

4. 1 João 3.22 – “Aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável”.

5. 1 João 5.14 – “Esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve”.

Como estas passagens revelam, no receber o que desejamos de Deus, há mais do que o simples pedir. Crer em Deus não é suficiente. Tem de haver reverência apropriada para com Deus, obediência à sua vontade e uma comunhão permanente com Cristo. O pedido tem de ser feito de acordo com a vontade revelada de Deus e de acordo com sua natureza e caráter.

A Bíblia nos ordena orar “em nome de Jesus”. A invocação do nome de Jesus não é um encantamento mágico. O seu significado é muito mais profundo. Na cultura em que a Bíblia foi escrita, o nome de uma pessoa indicava seus atributos e seu caráter. Pedir algo em nome de Jesus não é apenas acrescentar a expressão no fim de uma oração. Antes, significa que cremos que nosso pedido é dirigi-

do ao nosso Grande Sumo Sacerdote, nosso Intercessor.

Já vimos que há alguns pré-requisitos que temos de seguir quando oramos. Se pedimos algo, temos de confiar em Deus, sabendo que nosso pedido está de acordo com a vontade do Pai e a natureza e o propósito de Cristo. Precisamos ter reverência apropriada para com Deus, bem como a certeza de que estamos obedecendo ao que ele nos revelou. Temos de manter comunhão contínua (embora imperfeita) com Cristo. Depois que todos os pré-requisitos são satisfeitos, podemos ter confiança de que nossas orações serão respondidas. O fato crucial a notarmos é que, se satisfazemos estes pré-requisitos, não pediremos a Deus alguma coisa que esteja fora de sua vontade.

Tiago 4.3 nos dá outra razão por que nossas orações não são sempre respondidas como desejamos. Esta passagem bíblica nos diz que não temos o que pedimos porque pedimos com motivos impróprios, pedimos em oração coisas que nos permitam seguir nossos prazeres ímpios. Deus não nos dará aquilo que usaremos mal. Tampouco ele responderá pedidos feitos em ignorância, que se comprovariam desastrosos.

Moisés é um exemplo excelente. Conforme Êxodo 33.18, ele orou: “Rogo-te que me mostres a tua glória”. Ele havia falado com Deus. Tinha visto diversos milagres:

a sarça ardente, as pragas, a abertura do Mar Vermelho. Mas nessa ocasião Moisés queria algo maior: “Deus, aquelas outras coisas foram grandes, mas agora me permita ter tudo. Permita-me ver a sua face!”

Nos versículos 19 e 20, Deus respondeu: “Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do SENHOR; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer... Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá”.

Deus estava fazendo a Moisés um favor monumental por recusar-se a honrar o seu pedido. Se Deus tivesse concedido a Moisés o seu pedido, isso teria custado a sua vida. Ninguém pode ver a Deus e viver. Moisés deveria ter se regozijado com o fato de que Deus disse não.

Outra razão por que não temos as respostas desejadas para as nossas orações talvez seja que oramos por coisas que já temos em Cristo. Em João 4, Jesus falou com uma mulher em um poço. Ele disse à mulher que, se compreendesse com quem ela estava falando, saberia o que pedir. A mesma verdade se aplica a nós. Se conhecêssemos realmente o caráter e a pessoa de Deus e soubéssemos tudo que ele nos deu em Cristo, nossa vida de oração seria muito diferente.

O PODER DO INTERCESSOR

A oração é a função sacerdotal de levar um pedido a Deus. Nos tempos do Antigo Testamento, havia duas principais classes de mediadores entre Deus e seu povo: os profetas e os sacerdotes. Em palavras simples, o profeta era ordenado por Deus para falar sua Palavra divina ao seu povo. O profeta falava ao povo em favor de Deus. No sentido oposto, o sacerdote era ordenado por Deus para ser um porta-voz em favor do povo. O sacerdote falava a Deus em favor do povo.

No Novo Testamento, Cristo exerce os ofícios não somente de Profeta e Sacerdote, mas também de Rei. Em seu papel sacerdotal, Cristo fez um sacrifício perfeito, oferecendo uma expiação perfeita de uma vez por todas. Todavia, a cruz não foi o fim do ofício sacerdotal de Cristo. Ele entrou no Santo dos Santos celestial, onde continua a agir como nosso Grande Sumo Sacerdote. Ali, ele ora por seu povo, intercedendo diante do Pai em nosso favor. O poder das orações de Cristo é imensurável. Pode ser ilustrado não somente por meio dos milagres que ele realizou na terra, mas também por suas orações de intercessão durante seu ministério terreno.

Considere os exemplos de Judas e Simão Pedro. Ambos foram discípulos que praticaram atos detestáveis de traição contra Jesus, em sua hora mais atribulada. Judas se suicidou, enquanto Simão foi restaurado e se tornou a “Rocha” da igreja primitiva em Jerusalém. Por quê?

Uma diferença crítica entre estes homens pode ser vista nos anúncios de Jesus a respeito da traição futura deles. A respeito de Judas, Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá” (Jo 13.21). Quando os discípulos lhe pediram que identificasse o traidor, ele respondeu: “É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado” (v. 26). Depois, Jesus molhou um pedaço de pão, e o deu a Judas, e disse: “O que pretendes fazer, faze-o depressa” (v. 27).

Mais tarde naquela noite, em sua grande oração de intercessão, Jesus disse: “Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura” (Jo 17.12). Aqui, Jesus orou *a respeito de* Judas, e não *em favor de* Judas, e o chamou de “o filho da perdição”.

No caso da negação de Pedro, Jesus lhe disse: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé

não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.31-32).

Observe que Jesus não disse: “Se te converteres, fortalece teus irmãos”, e sim: “Quanto te converteres”. Jesus tinha confiança na restauração de Pedro. Não podemos deixar de extrair a conclusão de que a confiança de Jesus se devia amplamente às suas palavras anteriores: “Eu, porém, roguei por ti”.

Jesus orou *a respeito de Judas*. E orou *em favor de Simão Pedro*. Ele fez intercessão por Pedro. Agiu como sacerdote de Pedro. Neste exato momento, Cristo está agindo como nosso Sumo Sacerdote, intercedendo por nós.

Esta é a exultante conclusão do autor em Hebreus 4.14-16:

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Que estas palavras se tornem vida para nossa alma, à medida que nos apropriamos delas.

USANDO O PODER DA ORAÇÃO

A oração requer estrutura, mas não às custas da espontaneidade. Procurei dar orientação para evitarmos armadilhas perigosas em nossa peregrinação. Nenhum diretor de uma banda diz aos seus músicos que toquem qualquer coisa que esteja no seu coração e espera ouvir o hino nacional americano. Tem de haver ordem, e o procedimento tem de ser regulado, em alguma medida. No entanto, ainda há lugar para autoexpressão individual dentro dos limites de reverência e ordem.

Por que oramos?

- Oramos porque Deus o ordenou e porque ele é glorificado quando oramos.
- Oramos porque a oração prepara o nosso coração para o que receberemos de Deus.
- Oramos porque a oração realiza muito.
- Oramos para adorar a Deus, louvá-lo e expressar nossa admiração de sua majestade, sua soberania e seus atos poderosos.

- Oramos para confessar a Deus nossos pecados, numerosos como são, e experimentar graça, misericórdia e perdão da parte dele.
- Oramos para agradecer a Deus por tudo que ele é e tudo que tem feito.
- Oramos para tornar-lhe conhecida a nossa súplica e satisfazer o convite que ele nos faz.

Quando oramos, temos de lembrar quem Deus é e quem somos nós diante dele. Temos de lembrar, antes e acima de tudo, que o nome de Deus tem de ser santificado. Temos de lembrar que ele é a Fonte de nossa provisão e que todas as coisas boas procedem dele. Devemos viver de tal modo, que tornemos visível o reino de Deus neste mundo. Temos de confessar regularmente nosso pecado, porque esta é uma das marcas mais certas de um cristão. Devemos rogar a Deus que nos proteja do Maligno.

Temos de lembrar sempre que Deus é Deus e não deve nada a ninguém. Como diz o salmista, Deus “tudo faz como lhe agrada” (Sl 115.3). Somos convidados a chegar-nos a Deus com confiança, mas nunca com arrogância, presunção e leviandade. Eclesiastes 5.2 nos lembra de que não devemos apressar-nos “a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra”.

Finalmente, se há um segredo para aprendermos como orar, esse segredo não é diferente de qualquer outro esforço. Para nos tornarmos hábeis em alguma coisa, temos de praticar. Se queremos aprender como orar, então, devemos orar – e continuar a orar.

SOBRE O AUTOR

O Dr. R. C. Sproul é fundador e presidente do *Ligonier Ministries*, um ministério multimídia internacional sediado em Lake Mary (Flórida). Ele também serve como pastor principal de pregação e ensino na igreja Saint Andrew, em Sanford (Flórida). Seus ensinamentos podem ser ouvidos diariamente no programa de rádio *Renewing Your Mind* (Renovando Sua Mente).

Durante a sua distinta carreira acadêmica, o Dr. Sproul ajudou a treinar homens para o ministério, como professor em vários seminários teológicos importantes.

Ele é o autor de mais de 60 livros, incluindo *The Holiness of God*, *Chosen by God*, *The Invisible Hand*, *Faith Alone*, *A Taste of Heaven*, *Truths We Confess*, *A Verdade da Cruz* (Fiel, 2011) e *The Prayer of the Lord*. Também serviu como editor geral da *The Reformation Study Bible* e já escreveu vários livros para crianças, incluindo *The Prince's Poison Cup*.

O Dr. Sproul e sua esposa, Vesta, residem em Longwood (Flórida).



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.editorafiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

Esta obra foi composta em Incognito (12/15) e impressa
por Imprensa da Fé sobre o papel Polém Soft 75gm/m²,
para Editora Fiel, em maio de 2012.

VALE A PENA GASTAR TEMPO EM ORAÇÃO?

A oração faz alguma diferença? Será que ela muda alguma coisa? Sim, diz o Dr. R. C. Sproul. Embora não devamos esperar que nossas orações mudem a mente de Deus, de modo que ele aja contra sua vontade, podemos ter certeza de que a oração muda as coisas – inclusive nossos corações. Além disso, a oração é um dos meios fundamentais através dos quais Deus realiza sua vontade neste mundo.

Por isso, a oração deve ocupar um lugar central na vida do cristão. Em capítulos breves, repletos de sabedoria, o autor aponta o propósito, o padrão, a prática, as proibições e o poder da oração, chamando os cristãos a se colocarem diante da presença de Deus com esperança e alegria.



O Dr. R. C. Sproul nasceu em 1939, no estado da Pensilvânia. É ministro presbiteriano, pastor da Igreja *St. Andrews Chapel*, na Florida. Fundador e presidente do ministério Ligonier, professor e palestrante em seminários e conferências, autor de mais de sessenta livros, vários deles publicados em português e editor geral da *Reformation Study Bible*. Durante os seus mais de quarenta anos de ministério no ensino acadêmico e na igreja, o Dr. Sproul tem se dedicado a transmitir com clareza as verdades profundas e práticas da Palavra de Deus. É casado com Vesta Ann e o casal tem dois filhos, já adultos.


EDITORA FIEL

ISBN-13: 978-85-8132-024-3



Categoria: Doutrina